

CULTURA

Vida e arte do Mestre Etewaldo, escultor de obras como Iemanjá, na Praia do Meio, e o Beijo, no Bosque dos Namorados

IMPASSE

Com obra embargada pelo Iphan, acervo do Instituto Histórico e Geográfico do RN está ameaçado

TATUADORES

Em tempos de crise, profissão está em alta e ganha cada dia mais adeptos e clientes

COROAMETADE

Site de relacionamentos é sucesso entre os maiores de 40 anos

PADRE SANFONEIRO

CAIO CAVALCANTI SE DIVIDE ENTRE A SANFONA E AS ATIVIDADES RELIGIOSAS. O PADRE POTIGUAR, QUE JÁ ESTEVE EM PROGRAMAS COMO O ESQUENTA, DA GLOBO, FALA SOBRE A LUTA PARA SE DEDICAR À MÚSICA SEM LARGAR A BATINA E A RESISTÊNCIA DA IGREJA

MUSEU DA RAMPA

Lugar que deveria contar história da aviação no RN continua com obra parada e serve de ponto para consumo de drogas

VISIONÁRIO

Manoel Dantas: autor do primeiro manifesto futurista de Natal nasceu em Caicó, atuou na política e era apaixonado pela cultura potiguar





ASSEMBLEIA | AC



Rio Grande do Norte
Assembleia Legislativa

Digite o qu

ASSEMBLEIA DEPUTADOS ATIVIDADES LEGISLAÇÃO PR



LEGISLAR



FISCALIZAR



JULGAR

Elaborar e aprovar leis, fiscalizar as ações do Poder Executivo e julgar os atos de competência estadual, além de discutir importantes temas para a população, como saúde, segurança, educação e finanças. Este é o trabalho da Assembleia Legislativa, a Casa do Povo Potiguar. Aqui, a população ainda tem garantidos e valorizados seus direitos, através do atendimento gratuito do Procon, das ações da Assembleia Cidadã e Cultural, e do incentivo à educação na Escola da Assembleia. Trabalho que você vê na tv, rádio e internet.

ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA DO
RIO GRANDE
DO NORTE.
**SEMPRE AO
SEU LADO.**



Rio Grande do Norte
Assembleia Legislativa

 www.al.rn.gov.br

   assembleiarn

ANO NOVO, compromisso renovado

NÃO VAMOS FALAR QUE foi difícil, mas temos convicção que 2016 foi... intenso. Do ponto de vista da mídia e quem a compõe, como diria o sociólogo francês Dominique Wolton, precisamos lembrar que “Informar não é comunicar”. A comunicação é um processo complexo, que envolve reflexão, compreensão e pessoas dispostas ao entendimento da mensagem. Não basta meramente jogar ou compartilhar uma informação, a comunicação é mais exigente. No entanto, temos visto, em um contexto de polarização de opiniões, que muitas mensagens são compartilhadas, o volume de notícias é cada vez maior e nem sempre há tempo para lê-las por completo, absorvê-las. É assim que ocorre o fenômeno que Wolton chamou de “incomunicação”. Nem sempre os conteúdos são compreendidos e nem sempre a notícia cumpre o seu papel de informar de- veras. Nesse contexto, em 2017, a RevistaBzzz reafirma o compromisso com as reportagens de memória, história, política, comportamento, moda, arquitetura e todas as suas editorias. Assim como o zelo pela relação com o leitor que quer saber mais, que busca resgates, novidades e, sempre, conhecimento, sobretudo a respeito do Rio Grande do Norte e de potiguares.

Personagem dessas terras que já ganhou palcos do Brasil, na capa e no recheio, a mistura inusitada da batina e da sanfona de Caio Cavalcanti, padre e músico. Como conciliar as duas vidas? Na reportagem escrita por Leonardo Dantas ele conta sobre a vocação, a resistência da Igreja e as escolhas que tem feito para não abrir mão da religião e nem da música.

Nesta edição, nossas queridas páginas de memória se mesclam a denúncias e descaso. Como exposto em duas matérias, quem perde é a cultura e a história do Rio Grande do Norte. Na primeira, mostramos a obra paralisada do Instituto Histórico e Geográfico do RN, que compromete a vida do seu acervo – armazenado em um lugar improvisado enquanto aguarda a liberação do Iphan. Em outra, o Museu da Rampa que, também com obra paralisada, tem deixado os seus impulsionadores sem esperança de vê-lo funcionar. O Governo do Estado afirma que está resolvendo a situação para que a construção seja concluída. Também temos personagens ilustres, que rendem boas histórias: Manoel Dantas e o seu olhar de visionário, e o Mestre Etewaldo e suas esculturas que compõem famosos cenários de Natal.

Nesta edição, procuramos conhecer o aquecido mercado de tatuagens em Natal, que não tem sentido “a crise”, algo que também acontece com o “Coroametade”, site de relacionamentos para pessoas com mais de 40 anos que cresceu mais de 100% no último ano. E mais: arquitetura inclusiva, a moda de Gladis Vivane, Lar da Vovozinha, turismo na Tailândia e em Brasília, além de colunas, festas e mais.

Ótima leitura a todos!

Equipe Bzzz

EXPEDIENTE



PUBLICAÇÃO:
JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE
ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS
www.portaldaaabelhinha.com.br

@revistabzzz

Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,
CRÍTICAS E ELOGIOS:
revistabzzz@portaldaaabelhinha.com.br

EDITORA
ELIANA LIMA
elianalima@portaldaaabelhinha.com.br

EDITORA INTERINA
ALICE LIMA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO
TERCEIRIZE EDITORA
www.terceirize.com

COMERCIAL
EDILÚCIA DANTAS
(84) 99996 5859

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO
ANDRÉA LUÍZA TAVARES, ANNA RUTH DANTAS,
CAMILA PIMENTEL, CLARA VIDAL,
CÍCERO OLIVEIRA, LEONARDO DANTAS,
LISSA SOLANO, LOUISE AGUIAR,
OCTÁVIO SANTIAGO, RAFAEL BARBOSA,
THIAGO CAVALCANTI, VÂNIA MARINHO,
WELLINGTON FERNANDES

FOTO DA CAPA
EVERSON ANDRADE

FOTOS
ANDRÉA LUÍZA TAVARES, CÍCERO OLIVEIRA,
CLARA VIDAL, EVERSON ANDRADE,
JOÃO NETO, RAFAEL BARBOSA, PEDRO LIMA,
TICIANO D'AMORE

GRÁFICA
UNIGRÁFICA

TIRAGEM
6.000 EXEMPLARES



DOCUMENTO ESTUDANTIL



Com base na legislação federal, Lei da Meia-Entrada 12.933/2013 e Decreto 8.537/2015, o documento estudantil é válido em todo o país, com segurança física e digital. A Carteira de Identidade Estudantil-CIE está integrada ao sistema de transporte coletivo de Natal. Além disso, utilizando a carteira, os estudantes conseguem meia-entrada e meia-passagem em um único cartão, como também, descontos especiais em estabelecimentos comerciais.

Faça já a sua CIE 2017 pelo site:
portaldouestudentenatal.com.br
ou nos postos do Espaço Estudante, Fundação, Shopping Estação e Foto do Estudante.

Lembrando que a sua situação deve estar regular em 2017, na instituição de ensino, para poder realizar a solicitação.

redes sociais:



NatalCard



@natalcard

60

Vovozinhas

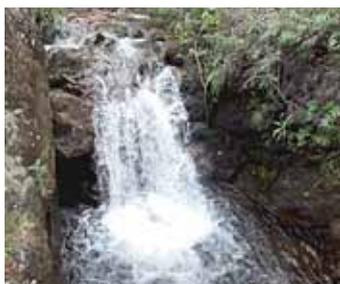
Lar que cuida de senhoras precisa de doações. Porém, mais do que isso, as doces mulheres carecem de atenção e bons papos



76

Turismo

Aventura pela Tailândia: passeios em elefantes, barcos, massagens e a paisagem urbana que mistura a tradição do lugar à modernidade



76

Santuário

Em Brasília, Chapada Imperial é um convite ao contato com a natureza e o seu cerrado

54

Versátil

Das palavras à costura: Gladis Vivane, jornalista e criadora de moda



18

Arquitetura para todos

Projetos conscientes e de acordo com a lei exigem atenção com inclusão

PROCEDIMENTOS DE ALTA COMPLEXIDADE?

*SIMPLES:
Hospital do Coração.*

Há momentos na vida em que a melhor decisão é também a mais segura. Nessas horas, você sempre pode contar com o Hospital do Coração.

Centro Cirúrgico com filtros antibacterianos, UTI com boxes individualizados, Ressonância Magnética de última geração e o único da cidade com duas salas de hemodinâmica. Uma super estrutura que realiza, com equipes especializadas, mais de nove mil procedimentos de alta complexidade por ano. Números que confirmam: se o momento é difícil, a escolha é simples. Hospital do Coração.

- Urgência 24 horas
- Transplantes de órgãos
- Check-up Executivo

 **HOSPITAL
DO CORAÇÃO**
Especializado em você.

(84) 4009-2000
hospitaldocoracao.com.br





ELIANA LIMA

POR ANNA RUTH DANTAS E EQUIPE BZZZ

ELPIDIO JUNIOR



2018...

Quem vê a articulação do prefeito de Natal, Carlos Eduardo (PDT), para a composição do secretariado, distribuindo espaços pelos partidos aliados (novos e antigos), já aponta que é uma construção não só com vistas à administração municipal, mas, principalmente, vislumbrando 2018, quando Carlos Eduardo deverá disputar o Governo do Estado.

...EM FRENTE

Aliás, a decisão de Carlos Eduardo disputar o Executivo estadual refletirá diretamente na vida política de um terceiro: o vice-prefeito Álvaro Dias (PMDB). Deixou o posto de deputado estadual para ser vice, mas os observadores da cena já sentenciam que se o prefeito de Natal não se viabilizar para o governo, Álvaro estará naufragado, já que abandonou as bases seridoenses.

BASTÃO

Confirmados os acordos feitos em 2016, agora é o momento em que o PSDB do Rio Grande do Norte passa das mãos do deputado federal Rogério Marinho para o presidente da Assembleia Legislativa do Estado, deputado estadual Ezequiel Ferreira de Souza.

CORTEJO

Os dois principais candidatos à Presidência da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM) e Jovair Arantes (PTB), estiveram em Natal durante o mês de janeiro para conquistar os oito votos da bancada potiguar. Café e almoço, respectivamente, com promessas à mesa daqueles que podem se tornar presidente da República, caso a Era Temer termine antes do fim.



Divulgação

MUDEZ

Assunto dos mais badalados em 2015, o hub da Latam parece ter ganhado as gavetas. Da companhia aérea e da classe política local. O silêncio é interpretado como jogo perdido por membros do chamado trade turístico. A disputa estava entre Natal, Recife e Fortaleza. Esta última dá passos largos rumo à privatização, hoje exclusividade potiguar.

ESTRATÉGIA...

Quem montou estratégia e conseguiu um importante espaço na Câmara de Natal foi o vereador Aldo Clemente. Parlamentar de primeiro mandato, filiado ao PMB, conseguiu a presidência da comissão mais importante do Legislativo da capital: Justiça e Redação Final.



Blog Suébsier Neri

....NO TURISMO

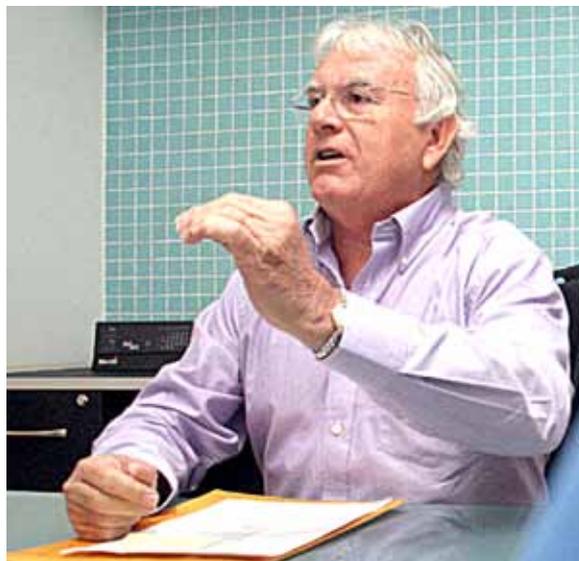
E já chegou anunciando projeto que vai causar polêmica. O vereador, em entrevista ao Jornal da Cidade (da 94 FM), anunciou que apresentará projeto, nos primeiros dias de trabalho, prevendo valor carimbado de parte do que é arrecadado com os impostos dos setores de turismo, como hotéis, por exemplo, para investimento da divulgação no destino Natal.



Esdras Rebouças Nobre

ASSEMBLEIA

Pelo menos três ex-prefeitos já estão, praticamente, lançados na disputa para a Assembleia Legislativa em 2018: Jaime Calado (PR), que foi gestor de São Gonçalo do Amarante; Maurício Marques (PDT), que foi prefeito de Parnamirim; e Ivan Júnior (PSD), líder político de Assú.



Blog do BG

PUBLICIDADE

A campanha desenvolvida pela Justiça Federal do Rio Grande do Norte para incentivar a doação de órgãos alcança repercussão em diversos Estados do país. O Instituto de Cardiologia do Distrito Federal emitiu agradecimento público no seu perfil oficial de rede social parabenizando a JFRN. A campanha está sendo veiculada nos canais internos da JFRN, no site oficial, nas mídias sociais. Diversas instituições já estão reproduzindo as peças desenvolvidas pela Seção Judiciária potiguar.





S.O.S. IHGRN

O longo embargo da obra de reforma do Instituto Histórico e Geográfico do RN, pelo Iphan, ameaça o acervo que guarda documentos dos tempos coloniais, imperiais e republicano

Por Louise Aguiar



MAIS DE 50 MIL títulos, entre eles documentos importantes como as Sesmarias do Rio Grande do Norte e o Barleus (1647), que conta a história da invasão holandesa no Nordeste, estão se deteriorando em um acervo improvisado na sede administrativa do Instituto Histórico e Geográfico do RN (IHG), na Cidade Alta. Tudo isso porque a instituição iniciou uma reforma no final de 2015 e desde março do ano passado está embargada pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) no Estado. O conflito foi parar na Justiça e, passados dez meses desde o embargo, os envolvidos aguardam a firmação de um termo de ajustamento para a retomada da obra e reabertura do Instituto.

“O instituto está fechado para visitação e consulta ao acervo. É um prejuízo enorme para nós, a sociedade e o acervo, porque a deterioração é consequência direta do armazenamento improvisado e precário que tivemos que fazer”, lamenta o presidente do IHG, Ormuz Simonetti. Os livros e documentos foram retirados para a reforma e armazenados na sede administrativa, contando apenas com o sopro de ventiladores, mas seria por poucos meses, até que as obras terminassem. O armazenamento precário, que expõe os títulos à poeira, cupins e calor, já vai completar um ano e sem previsão de um final feliz.

REPORTAGEM DENÚNCIA

De acordo com Simonetti, a ideia da obra era modificar os pisos dos salões principais – substituí-los por cerâmica – e construir mais um banheiro. Mudança que necessitava cavar buraco em um dos salões para reparar vazamento antigo de um cano que causava afundamento no chão. No parecer técnico emitido pelo Iphan, constava o seguinte: “Aprova-se a retirada do piso de taco de madeira, compatibilização e consolidação do solo e instalação do novo piso de cimento”. No entanto, a mesma pessoa que autorizou a obra foi ao local tempo depois e embargou. “Não entendemos como isso pode acontecer”, questiona Ormuz Simonetti. O arqueólogo do instituto informou que foi comunicado pelo técnico do Iphan que denúncia anônima apontou que, ao cavar o buraco, o IHG estava maculando ladrilhos existentes no subsolo. “O local era um porão. Nada poderia ser arqueológico ali”, garante o presidente.

A obra foi embargada no dia 30 de março. Além do embargo, a então diretora-geral do Iphan no RN, Andréa Virgínia Freire Costa, denunciou o instituto ao Ministério Público Federal, Ministério Público Estadual e Fundação José Augusto. “Achava que tudo seria resolvido administrativamente, mas de lá pra cá vem essa troca de informações. A gente mostra que a obra estava autorizada, eles interpretam diferente e aí ficamos nesse imbróglio. Por conta de uma coisa inócua está se prejudicando uma instituição, a sociedade e pesquisadores”, desabafa Simonetti.



Ormuz Simonetti, presidente do Instituto, lamenta paralisação



Rico acervo que também conta história do RN está armazenado em local improvisado e com estrutura precária

REPORTAGEM DENÚNCIA

A reforma do Instituto Histórico estava orçada em pouco mais de R\$ 100 mil, recursos provenientes de um convênio com a Prefeitura de Natal. A ideia era nivelar completamente o piso para abrigar as estantes deslizantes adquiridas por meio de parceria com a Secretaria Estadual de Educação, feitas sob medida para receber os mais de 50 mil títulos. Entre idas e vindas, a obra chegou a ser liberada por uma juíza substituta, mas 48 horas depois, o juiz titular responsável pelo caso voltou a sus-

pendar o serviço. O caso hoje está longe de ser resolvido.

Além dos prejuízos à sociedade e pesquisadores, que estão impossibilitados de recorrer ao acervo do instituto, os próprios membros também estão impedidos de realizar eventos rotineiros porque, com o embargo da obra, o auditório não pode ser utilizado. O prédio, erguido em 1902, permanece fechado. “Não podemos fazer nada quanto à obra. O acervo não está aberto, está todo fechado na sede administrativa, acondicionado da maneira que

a gente pode, com ventiladores. É uma pena porque sabemos que se continuar dessa maneira, é a nossa história que irá se perder”, lastima Ormuz Simonetti.

A reportagem da **Bzzz** procurou o Iphan e foi informada que qualquer demanda relacionada à imprensa deveria ser encaminhada por e-mail diretamente à superintendente Andreia. Encaminhamos e-mail no dia 4 de novembro de 2016 com as perguntas e, até o fechamento desta edição, não obtivemos nenhuma resposta.



Material que documenta toda a memória do RN, como a Sesmarias e o Barleus, permanece em local sem o devido acondicionamento

Fundação

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte surgiu em 1902 com o objetivo de ser um “guardião” da história do estado. Segundo Ormuz Simonetti, há nos arquivos a carteira de identidade do Rio Grande do Norte, além de documentos dos tempos coloniais, imperiais e republicano. Entre os primeiros documentos jurídicos do estado está a Sesmarias, que delimitava as terras na época da dominação portuguesa. Bíblias centenárias, além do livro de Barleus, com 340 páginas e 56 ilustrações feitas em bico de pena, que contam a história da invasão holandesa no Nordeste em latim. “Muitas obras preciosas estão se acabando”, alerta.

A casa do IHG, na Rua da Conceição, nº 622, foi construída em 1906, numa época em que se vivia a euforia do remodelamento e do embelezamento das cidades, um



A casa do Instituto foi construída em 1906, em um período que buscava-se modernizar o país

projeto das elites republicanas para modernizar a sociedade e as instituições brasileiras. O prédio tem forma da arquitetura neoclássica, tipicamente europeia da segunda metade do século XIX, revelada no desenho geométrico, nas colunas, pelo entablamento, o acesso pelas laterais (valorizado pelas escadarias)

e a fachada monumental.

Na fachada, destacam-se os frontões curvos triangulares, as balaustradas arrematadas com o coroamento das paredes, as esquadrias em madeira e vidro e os vãos de vergas retas. O imóvel foi tomado como patrimônio estadual em 30 de novembro de 1984.

Modelo

Os Institutos Históricos e Geográficos são instituições responsáveis pelos acervos documentais que guardam grande parte das fontes da história colonial, imperial e republicana brasileira. Sua importância em levantar, metodizar e sistematizar um conhecimento histórico foi tamanha a ponto de o historiador José Honório Rodri-

gues (1978) afirmar que a pesquisa histórica nasceu com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, no Rio de Janeiro.

O IHGRN, uma das entidades culturais mais antigas do Estado, foi fundado, em Natal, sob a inspiração do IHGB, em 29 de março de 1902, durante o primeiro

governo de Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão, num momento enfático de preocupação com a preservação do patrimônio histórico-documental, que possibilitaria a escrita da história de acordo com os parâmetros da ciência positivista, do encontro da história nacional com a memória social e do testemunho documental.



Mestre Etewaldo

A história do escultor de obras como a estátua de Iemanjá, na Praia do Meio, e do “beijo” de um casal de namorados, no Parque das Dunas, é de superação e talento nato

Por Rafael Barbosa

Fotos: Rafael Barbosa e arquivo



UM GAROTINHO QUE SAIU de Assú, no interior do Rio Grande do Norte, para a capital do estado com a família, nos anos de 1940, cresceu e conquistou reconhecimento por meio da cultura popular. O mestre Etevaldo Cruz Santiago teria completado 78 em 14 de janeiro, se vivo estivesse. Ele deixou para Natal cartões postais como a estátua de Iemanjá, na Praia do Meio, e a do casal de namorados, exposta no Parque das Dunas, apesar de pouca gente saber que as obras são de sua autoria. Entre o legado, deixou também o filho Edvaldo, artesão apaixonado como ele e divulgador incansável do trabalho do pai.

O assuense de origem humilde começou ainda na infância a dar os primeiros passos no desenvolvimento das artes manuais. “Ele dizia que foi a avó dele a primeira

pessoa a reconhecê-lo como artista”, recorda Edvaldo Santiago. Etevaldo observava a avó, que era rendeira, enquanto ela fazia alfenim, um doce comum no Nordeste brasileiro. Com a massa branca de açúcar, ele moldava pequenas miniaturas de patos. “Aí a avó dele dizia ‘esse menino tem jeito pra artista. Faça mais’”, conta o filho.

Ainda pequeno, partiu com os pais para Natal, em busca de melhores oportunidades de vida. Era época de Segunda Guerra Mundial. O pai de Etevaldo trabalhou na Base Aérea abrindo estradas para os militares. “Ele contava que ainda pequenininho ia para a Ribeira, via os aviões no Rio Potengi”, relata Edvaldo.

Até então, o contato maior com o artesanato que o mestre tinha era na fabricação dos próprios brinquedos, com peças de madeira. O menino foi crescendo e, adolescente, se viu diante da necessidade de ajudar em casa. Edvaldo conta que o pai foi trabalhar também na Base Militar. Dispondo de facilidade para o desenho, ajudava os mestres de obras na confecção de plantas baixas e demais serviços relacionados a essa arte. “Ele sempre gostou de arte”.

Etevaldo foi ainda entregador de revistas, trabalhou no Corpo de Bombeiros e, entre um trabalho e outro, conheceu Dona Eliete. Foi numa igreja evangélica que se apaixonou pela viúva que se tornou sua companheira até o fim da vida. Com ela constituiu família e continuou morando em Natal, onde nasceram seus dois primeiros filhos. Edvaldo é o segundo dos nove filhos do casal. Ele recorda de ouvir, ainda criança, o pai dizer repetidas vezes que tinha vontade de conhecer a cidade de Ceará-Mirim. Naquele tempo não era fácil visitar uma cidade vizinha, diferentemente de hoje.



De pai para filho: na foto de abertura, Edvaldo Santiago, filho do mestre Etevaldo, guarda a memória e segue os passos do pai. Acima, o escultor com uma de suas obras em cena descontraída

Relação com Ceará-Mirim

“Ele caçava com um amigo, que dizia que Natal não tinha muito bicho para a prática, mas em Ceará-Mirim tinha mais, e tinha o chamado veado campeiro, que era o animal maior que o caçador podia pegar”, lembra Edvaldo. Foi assim que começou a relação do escultor com a cidade da Grande Natal, onde depois foi radicado e reconhecido como artista.

Em um certo dia no final da década de 1960, o tal amigo caçador então propôs a Etewaldo que

lhe ajudasse a levar uma encomenda para Ceará-Mirim. O mestre topou a proposta de trabalho, muito mais pelo desejo de conhecer o município. Quando chegou ao Centro da cidade, ficou encantado com o mercado público, o prédio da prefeitura. A arquitetura colonial deixou o artista embasbacado e ele decidiu que queria se estabelecer ali com a família. Não contou conversa: conseguiu contato com o pároco, que lhe arrumou uma morada de aluguel, um primeiro andar

perto da estação de trem.

Em Ceará-Mirim, o mestre Etewaldo se virava para sustentar os filhos com fotografia. Fazia foto 3x4 e também trabalhava com restauração e ampliação fotográfica. Ele fazia o que hoje faz o programa *PhotoShop*, só que à mão. O filho conta que, depois de ampliar a foto, o mestre consertava as falhas pintando a imagem. “Ele também colocava joias e dentes de ouro quando as pessoas pediam. Era um trabalho incrível, ficava perfeito”, detalha.



Mestre Etewaldo em dia da produção na década de 1970

Esculturas de argila – o início

Foi na época de fotografias em Ceará-Mirim que surgiu a proposta do cunhado Januário, também artista. “Meu tio disse a ele que era melhor começar a trabalhar com argila, era uma coisa que se fazia pouco ainda por aqui, e ele o convenceu que levava jeito”, relata Edvaldo. A família estava crescendo e o patriarca precisava de uma fonte de renda além da fotografia para conseguir pagar as contas. Então começou a praticar a nova arte: escultura de argila.

Em 1971, acompanhado de

Januário, Etewaldo seguiu para São Paulo vender suas primeiras produções. Foi um sucesso na Praça da República. Muito mais desenvolvida e culturalmente ativa, a capital paulista consumia arte de maneira mais ávida do que Natal e o Rio Grande do Norte.

As estatuetas do mestre Etewaldo se esgotaram e ele voltou feliz para casa, certo de que dali sairia mais uma fonte de sustento. As viagens se repetiram e o artesão sertanejo de Assú passou a ficar conhecido fora do estado. Contudo, faltava ganhar prestígio no RN.

A fotografia para jornal e a projeção artística para o RN

Apesar de já conseguir tirar algum dinheiro do artesanato, o assuense permaneceu com o trabalho fotográfico. Com fontes na delegacia local, o fotógrafo da cidade era sempre comunicado quando algum crime ocorria nas cercanias próximas do município. Ele clicava os fatos e vendia para os jornais da capital.

“Uma vez chegou aqui um jornalista, Alexis Gurgel. Eu era menino. O jornalista veio aqui atrás de uma foto”, conta Edvaldo. Quando chegou à casa de Etewaldo, Alexis se deparou com o trabalho manual que o artesão produzia com argila. A pauta mudou de rumo.

O jornalista fez uma reportagem em que divulgou para o Rio Grande do Norte a arte do mestre Etewaldo de Ceará-Mirim. Dali em diante ele não parou mais. Edvaldo acompanhava de perto, mesmo criança, e afirma que foi depois da matéria veiculada no jornal que o pai começou a receber convites para participar de feiras e encomendas para produção de estátuas e bustos.

A cada dia, o ofício da fotografia ficava mais a cargo de Dona Eliete, pois aumentavam as viagens e convites para exposições. Edvaldo diz que logo no começo da TV Universitária foi ao ar uma matéria com seu pai.



O trabalho do artesão potiguar começou a ganhar notoriedade na imprensa local

A família se reuniu toda na casa de um vizinho que tinha televisão para acompanhar a entrevista. “O povo começou a dizer ‘rapaz, Seu Etewaldo tá importante mesmo, saindo na televisão’”. Ele se tornou ícone da cultura em Ceará-Mi-

rim. As obras de arte nas praças, o painel que mostrava a cultura da cana-de-açúcar, atividade comum à cidade, a estátua do cabo-clo na entrada de Ceará-Mirim, tudo foi o mestre Etewaldo Cruz Santiago quem produziu.

Do nu artístico para o beijo

Foi nos anos de 1970 também que o artesão foi convidado, pelo jornalista Paulo Macedo, para confeccionar a estátua que enfeita o Parque das Dunas, naquela época chamado de Bosque dos Namorados. Edvaldo lembra que o pai contava que tinha a intenção, em um primeiro momento, de produzir um nu artístico nesta obra. Mas foi alertado que poderia sofrer represálias da Ditadura Militar. “Aí ficou aquele beijo mais inocente”, acres-

centa Edvaldo. O artesão passou a ser procurado pela elite potiguar para produção de peças particulares. De acordo com o que conta Edvaldo, até o ex-governador Geraldo Melo contratou os serviços do mestre Etewaldo. “Fez para ele um São Francisco bem grande”, emendou.

Entre as obras públicas mais conhecidas, além da estátua dos namorados, estão a estátua de Iemanjá, os três Reis Magos construídos na praça da igreja do bair-

ro de Santos Reis, e a homenagem a um famoso médico natalense que tinha costume de pescar peixe pampa, estátua que foi erguida na Praia do Meio, próximo a um posto de combustíveis e em frente ao Clube dos Pampas.

Ceará-Mirim, Taipú, João Câmara e Cerro-Corá também têm estátuas assinadas pelo mestre Etewaldo, eternizado em suas obras de argila e cimento Rio Grande do Norte afora.

Jorge Andrade/Flickr



Estátua de Iemanjá, na Praia do Meio

Joselley Carlos



Três Reis Magos, no bairro de Santos Reis



Famosa estátua dos namorados, no Parque das Dunas

Divulgação



Edvaldo seguiu a profissão do pai - produz e vende obras de artesanato

Filho, fã e aprendiz

A ascensão de Etevaldo Cruz Santiago provocava orgulho nos filhos e familiares. Um caboclo humilde do interior havia ganhado, com sua arte, as salas e jardins de personalidades importantes do RN. Edvaldo Santiago iniciara a moldar suas peças também, sob inspiração e influência do pai. Aos 19 anos de idade, quando ainda servia ao Exército Brasileiro, recebeu a ordem de um general para que convidasse Etevaldo para produzir um painel e um soldado que

iriam ornar a frente do batalhão. Trata-se da obra que foi levantada na entrada da sede do 16º Batalhão de Infantaria Morotizado, na Avenida Hermes da Fonseca, bairro do Tirol, em Natal.

Ao comunicar Etevaldo sobre o convite, Edvaldo recebeu a grata surpresa: o pai queria a sua ajuda. “Aí eu fui lá ajudar. E até ele assinou lá ‘Etevaldo e Edvaldo’. Eu não queria, mas ele disse que tinha que assinar com os dois”. Edvaldo abraçou arte para a sua vida tam-

bém e, até hoje, vive de vender suas obras em feiras de artesanato, como o pai fazia. A reprodução das mulheres rendeiras é o que mais sai, assim como era com Etevaldo.

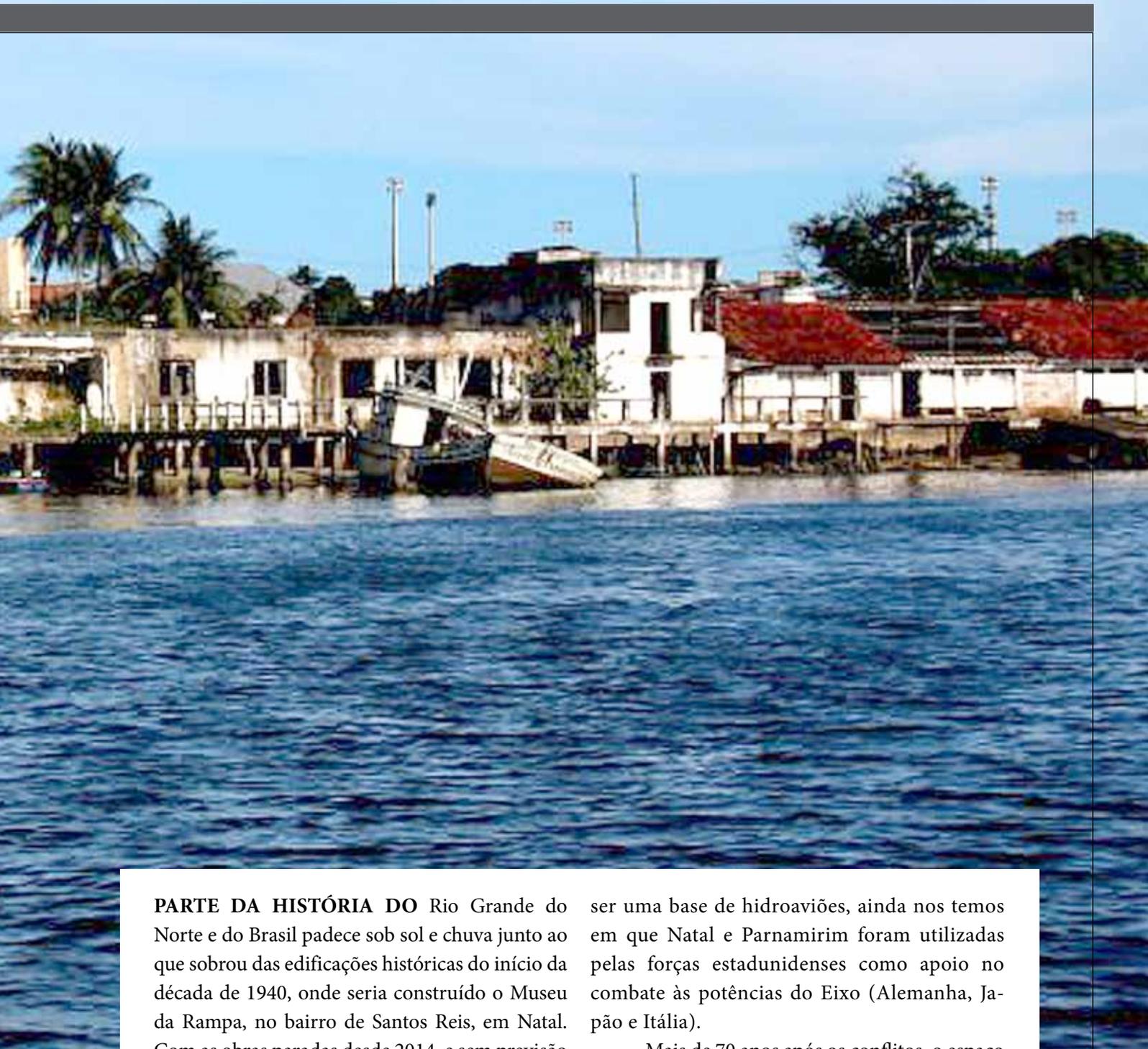
Falecido em 2006, aos 67 anos de idade, por complicações no fígado, o mestre Etevaldo deixou sua obra espalhada por diferentes lugares do RN. Por aqui também ficou o aprendiz, contador de suas histórias e herdeiro do fazer artístico da família Santiago, o filho Edvaldo.



RAMPA DE PAPEL

Museu onde seria contada a rica história da aviação no Rio Grande do Norte segue com obras paradas e local vira ponto de usuários de drogas

Por Rafael Barbosa



PARTE DA HISTÓRIA DO Rio Grande do Norte e do Brasil padece sob sol e chuva junto ao que sobrou das edificações históricas do início da década de 1940, onde seria construído o Museu da Rampa, no bairro de Santos Reis, em Natal. Com as obras paradas desde 2014, e sem previsão para conclusão, o local se tornou abrigo para moradores de rua e usuários de drogas.

Às margens do Rio Potengi, o prédio ganhou o apelido de Rampa por conta da estrutura de concreto construída para a retirada de aviões da água, durante a Segunda Guerra Mundial. Isso porque o local foi levantado para

ser uma base de hidroaviões, ainda nos tempos em que Natal e Parnamirim foram utilizadas pelas forças estadunidenses como apoio no combate às potências do Eixo (Alemanha, Japão e Itália).

Mais de 70 anos após os conflitos, o espaço luta agora contra o esquecimento que foi imposto pelas autoridades a quem compete tomar conta de suas dependências. A reforma que daria à Rampa um museu para contar a história da contribuição da capital potiguar para a aviação mundial começou quatro anos atrás, e não há quem informe quando será concluída.

De acordo com Fred Nicolau, diretor de Pesquisa e Ensino da Fundação Rampa, instituição fundada pela Aeronáutica no início dos anos 2000 para a preservação das edificações da base de hidroaviões, o reaprazamento para a entrega das obras é constante, e atualmente ele diz desconhecer sequer as informações a respeito da interrupção das construções. “O que era um prédio velho, hoje é ruína”, lamenta.

Leonardo Dantas, diretor de Comunicação da Fundação, conta que o teto do prédio foi retirado durante as construções, e as luminárias remanescentes da Segunda Guerra também não estão mais no local. “Eu mesmo não tenho coragem de ir lá hoje sozinho. Está ocupado e virou ponto de usuários de drogas”, afirma.

Ainda nos anos de 1980, a Rampa chegou a abrigar um museu, montado pelos membros da Fundação e sob a tutela da Força Aérea Brasileira (FAB). “A coisa começou a dar errado no dia em que a Aeronáutica resolveu entregar a área”, critica Fred Nicolau. Segundo o pesquisador, em 1984 a FAB se desinteressou pelo espaço, que à época tinha um restaurante frequentado pela alta elite natalense. “Por algum motivo, se desinteressou e mandou fechar”.

Dezessete anos depois, em 2001, a Aeronáutica então resolveu criar, por meio de oficiais aposentados, a Fundação Rampa, com o



objetivo de desenvolver um projeto para o prédio histórico. “A Fundação fez um apanhado com os empresários da cidade, reformou o prédio e montou um museu lá”, conta Nicolau. Nesse período, a Rampa continuou bastante dependente da Aeronáutica. “O museu nunca se pagou, né? Tinha que ter vigia, sempre dependia muito da Base Aérea. Três anos mais tarde, a FAB se desinteressou novamente pela Rampa, e passou para a Marinha, em 2004, mais ou menos. E aí a coisa começou a piorar”.





Com grande potencial de atrair turistas e cidadãos interessados na história do RN, Museu da Rampa segue sem conclusão de obra e virou ponto de usuários de drogas



Em 2012, o Governo do Estado conseguiu recursos da União para levar o museu à realidade

Com a chegada da Marinha do Brasil, a Fundação Rampa, que ocupava e tomava conta das edificações, foi retirada da administração. “A Marinha ia desenvolver a área lá, construir a base do 3º Distrito Naval. Todo mundo protestou, porque lá era um monumento histórico e não podia fazer uma coisa dessa”, recorda. Depois disso, foi levantado um muro que dividia o terreno em dois: um vazio, sem construções, que permaneceu com a Marinha, e o outro, onde estavam os prédios da Segunda Guerra. “Esse foi passado para o Estado. O Estado também tinha um plano

velho, desde a década de 80, de fazer uma coisa na Rampa, mas nunca fez”.

Em 2012, segundo Nicolau, o Governo do Estado conseguiu recursos da União para tirar do papel o projeto do museu. “Mas também não fizeram”, reclama. No ano seguinte, as obras chegaram a ser iniciadas, mas em 2014 houve interrupção dos trabalhos. “O que o Estado fez foi andar para trás. Era para dar um passo à frente, mas deu dez para trás. Agora, para arrumar tudo o que estragaram vai ficar mais caro do que o projeto inicial”, critica.





Em 2013, as obras chegaram a ser iniciadas, mas no ano seguinte foram interrompidas



Instalações onde deveria funcionar o Museu da Rampa

No fim de 2014 o governo sinalizou que as obras do museu seriam retomadas. “Mas não voltou. Na revista oficial do Estado, em 2015, tem uma foto da Rampa dizendo que até agosto de 2015 a obra seria retomada. E, de novo, este ano, eles falaram para a imprensa que começariam em novembro, depois mudaram para dezembro. Mas já estamos em 2017 e nada começou”. Diante do cenário indefinido, Nicolau diz que já advoga com a ideia de que se “o estado recebeu isso da Marinha, deveria devolver para a Marinha. Porque eu tenho certeza que, se a Ma-

rinha tivesse pego toda a área, ela teria não só construído o 3º Distrito, como teria reformado todas aquelas instalações e já teria o museu hoje”.

Os recursos obtidos com o governo federal em 2012 já retornaram aos cofres da União duas vezes, informa Leonardo Dantas. Isso porque o montante de mais de R\$ 8 milhões foi conseguido em duas oportunidades, por meio de dois Ministérios diferentes. “Veio pelo Ministério das Cidades e não foi utilizado, e veio pelo Ministério do Turismo, e também não foi utilizado. É isso que não entendo”, questiona.

Rico acervo histórico

Além de servir como base de hidroaviões, a Rampa também foi uma estação de passageiros para a empresa Pan Am (Pan American World Airways), uma das principais companhias aéreas estadunidenses da década de 1930 até o início dos anos 90.

Quando for finalizado, o Museu da Rampa pode expor para turistas e potiguares um vasto acervo de historiadores e outros estudiosos que pesquisam sobre a história da aviação no Rio Grande do Norte e

do mundo, já que inclui o recorte da Segunda Guerra Mundial.

A Fundação Rampa, por exemplo, dispõe atualmente de extenso material, que, desde 2008, além de pesquisar novas fontes, transmite esse conhecimento por meio de palestras, livros, parcerias e coleta de testemunhos orais da história.

“A gente estuda esse assunto há mais de dez anos. Não é só uma coleção de coisa velha. Eu acho que você montar um museu não é fazer uma exposição de coisa velha. Mon-

tar um museu é contar uma história, e para contar a história tem que ter estudado”, enfatiza Nicolau.

Apesar disso, Nicolau alerta que alguns artigos que estavam disponíveis na primeira versão do museu não poderão mais ser recuperados. “Como a Fundação era ligada à Aeronáutica, colocou lá dentro daquele museu coisas que a Aeronáutica tinha. Então, tinha um avião, peças de avião, alguns livros históricos, uma coleção de fotos, tudo da Aeronáutica. Mas eles



Em meados do século 20, a Rampa foi uma estação de passageiros para a empresa estadunidense Pan American World Airways

colocaram tudo em uma sala lá na Base Aérea, porque também têm o intuito de fazer um museu lá dentro”.

“Aqui na cidade existem algumas pessoas que têm acervos pessoais e objetos de pesquisa, mas eu nem penso mais nisso, porque eu não acho que esse museu sai mais, não”. Lamenta. Sem data para a retomada das construções, a história que era contada pelas paredes do prédio da Rampa segue se esvaindo dia após dia.



Na Rampa, no dia 29 de janeiro de 1943, a histórica visita do então presidente norte-americano, Franklin Delano Roosevelt, e o presidente brasileiro Getúlio Vargas. Ocasão em que celebraram no local a Conferência do Potengi, numa referência ao rio que banha a capital potiguar. O encontro marcou o início da participação do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, e resultou na transformação da Rampa em uma base aérea militar utilizada durante o período da guerra, até 1944.

Trâmite

Em nota, a Secretaria de Estado da Infraestrutura (SIN) informou que houve necessidade de alteração no projeto da obra do Museu da Rampa. Por isso, foi necessária uma readequação de planilha. Após a aprovação pela Caixa Econômica Federal, o processo foi

encaminhado para a Secretaria de Turismo (Setur) para nova dotação orçamentaria.

No momento, realiza-se a formalização do termo aditivo com a empresa para que a obra seja retomada, com previsão de entrega para o final de 2017. No dia 14 de

dezembro de 2016, o processo foi direcionado à Secretaria de Estado do Planejamento e das Finanças (Seplan) para registro de pré-empenho. Após essa etapa, a secretaria informa que será formalizado o termo aditivo de readequação para o reinício das obras.



NÃO BASTA APENAS DOAR, DEVE-SE PARTICIPAR

Uma manhã compartilhada com as idosas do Lar da Vovozinha, instituição filantrópica que abriga 40 senhoras em Natal, revela que elas precisam muito mais do que doação material. Necessitam de conversa e carinho também

Por Andréa Luíza Tavares
Fotos: Andréa Luíza Tavares



VOCÊ JÁ FOI AO Lar da Vovozinha? Se não, aconselho que bote na sua lista de afazeres ainda desta semana, ou de amanhã. Ou melhor, não na lista de afazeres, mas sim na de prazeres. Será difícil voltar a ser o mesmo depois de compartilhar algumas horas com as 40 senhoras moradoras do asilo. Donas de uma beleza misteriosa, é como se mesmo quando não houvesse sol, elas iluminassem e surgissem. O brilho que insiste em aparecer mesmo diante da vida que não é aquela sonhada. Elas deixaram para trás a família, os móveis, a vizinhança, as ranhuras das paredes, um copo na pia, o cheiro do perfume. Reduzidas a um único tempo verbal, o pretérito, com suspeito presente e um futuro que ninguém quer. Elas são velhas, pois, como diz Rubem Alves, “idoso” é palavra de fila de banco e de supermercado; “velho”, ao contrário, pertence ao universo da poesia. E elas são pura poesia. Escritas com letras marcadas pelo tempo e que carregam o peso dos muitos anos na caligrafia. E este – o tempo - a cada dia pesa um pouco mais sobre cada um de nós. Pois, adivinhe só? A velhice é antes do fundo do corredor.

No Lar da Vovozinha, dona Zeneide é figurinha carimbada. Parece um bibelô, daqueles delicados, do mais fino e puro material, tanto por dentro quanto por fora. A senhora de 80 anos conta que nunca namorou, pois uma enfermeira jogou uma ‘pissica’ (espécie de maldição) que acabou com a sua vida amorosa. Fala isso aparentemente sem ressentimentos, mas, depois completa: “Ah se eu pegasse ela”. E ri, como uma criança, da própria brabeza. Seu rosto é um objeto onírico, faz perder o pensamento com tanta singularidade. Os cabelos, grisalhos, cortados em um chanel



Para dona Zeneide, o Lar é uma experiência boa, gosta de fazer amizade e receber visitas

estiloso com um desfiado nas pontas, são a moldura do rosto franzino, sorridente e do olhar ávido e atento. Mostra com orgulho seu vestido florido, azul, especial para a manhã com as amigas. As visitas. Passou até colônia para ficar cheirosa. A manhã no Lar foi diferente. Teve do bingo ao forró. Do riso ao choro. Da apresentação formal ao abraço apertado e já saudoso da despedida.

Já dizem os antigos que envelhecer é compulsório, mas amadurecer é opcional. Considerando que envelhecer é agregar anos à existência e amadurecer é fazer isso com sabedoria. A primeira qualidade do sábio é ter humildade, onde se aprende que a vida não é apenas viver, mas saber viver e saber amadurecer. São dois os tipos de pessoas que envelhecem: as de maneira amarga, com postura de





"Ernestina, graça das moças, alegria das meninas", assim se apresenta dona Ernestina



Dona Graciete chegou ao Lar há pouco tempo, depois que o filho foi preso por maus tratos

vitima, sem ânimo de olhar para trás para buscar nas lembranças algo ameno e sem vontade de olhar para frente por não ter perspectiva; a outra é aquela que vive driblando o tempo apenas para viver o presente, mas também sabem olhar o passado, através de uma memória, sem deixar de ter um no futuro, mantendo os sonhos e projetos vivos.

Para a moradora Damiana, 89 anos, o Lar é especial, mas sequer lembra há quanto tempo está lá. "Anoitece e amanhece do mesmo jeito. É sempre assim", conta. Damiana divide com suas companheiras histórias e compartilha da mesma saudade. "Aqui a gente não conta tempo não, estamos sempre aqui. É isso", disse Severina, 81 anos, quando perguntada sobre há quanto tempo mora no Lar. Ela, que é natural de Nísia Floresta, na Grande Natal, conta que é importante fazer o que gosta, como dançar e cantar. "Eu gosto de receber visitas, faço muitos amigos, é muito bom conversar". Para muitas delas, os passos já são lentos demais para um mundo que não perdoa quedas. Os velhos perderam afeto, amizade e calor ganharam tempo. Vivem mais e melhor que seus pais e avós, mas vivem mais solitárias. A morte social chega antes da derradeira batida do coração. No lugar em que agora chamam de casa, anseiam pela visita, pela palavra, pelo carinho.

“Quando vocês saem, parece um cemitério”, lamentou Maria Araújo, 79 anos. Moradora do Lar há quatro anos, é natural de Caicó, município da região Seridó. O brilho nos olhos expressa a saudade que tem de casa, de uma irmã falecida, de sobrinhos e outros três irmãos. Ela conta que na noite de Natal não recebeu visitas, mas recorda com amor os presentes trazidos pela sobrinha dias antes. “Ganhei alguns vestidos longos e cortei pra ficarem mais curtos. E também dei para algumas delas. Muitas não recebem nada”, disse, referindo-se a outras senhoras.

Melhor que a maioria, a instituição é limpa, decente e cheia de mimos. Com 33 anos de existência, o Lar da Vovozinha abriga 40 idosas com idade entre 60 e 101 anos. A maioria delas tem apenas um armário para guardar os tantos anos de vida, que pode ser condessado em uma boneca, uma foto ou um lenço de cabelo. Graciete, de 62 anos, diz que encontrou no abrigo o amparo que precisava. “Eu vim para cá quando meu filho foi preso por maus tratos. Ele não cuidava dos meus machucados, que ficavam feios e doíam muito”. Ela ainda carrega no corpo as marcas do abandono. Mas, agora, a velhinha exibe um sorriso tímido quando recebe elogios dos visitantes. “Eu tô bonita?”, pergunta para quem passa. A simplicidade é um dos princípios que regem o Lar, não à toa muitas das senhoras se utilizam desse atri-



buto para se fazerem felizes com aquilo que dispõem. Dona Graciete faz questão de exibir seus lenços, que já não podem mais ser amarrados tão fortes por causa de um AVC que enfraqueceu seus braços.

Voltando à dona Severina, ela diz que não mora ali, está só de passagem e aproveita o tempo para fazer novas amigas. As mãos crispadas se voltam para os lábios enrugados e o dedo indicador é erguido. “Xiu, chegou minha amiga”, fala, apontando para a televisão. Mas dona Severina não iria a lugar algum quando saíssemos dali. A maioria tem a porta de saída vetada. Só sai com autorização. Quem decide o ir-e-vir são os parentes ou os médicos. Podem se perder, serem atropeladas, roubadas. Para além do portão tudo vira risco.

“Geralmente elas chegam aqui em condições bem difíceis e através dos cuidados conseguem melhorar”, explica Lila Carvalho, coordenadora técnica do Lar da Vovozinha. Com o trabalho diário, os profissionais acabam se tornando parte da família das idosas e muitas vezes sendo a única referência para elas, que já foram rejeitadas pela família e pela própria sociedade. “Nós sabemos que muitas que chegam aqui não têm ninguém. Algumas têm a presença de familiares, mas outras não se tornam muito presentes. Estar com elas no dia a dia faz com que fiquem apegadas a gente, como uma amiga, é assim que eu me sinto, como uma amiga delas também. Não me sinto sozinha e também não deixo elas sozinhas”, emociona-se.



Maria Araújo, de 79 anos, diz que quando visitantes saem, o lar parece um cemitério



Dona Julia e dona Maria, moradoras

A história

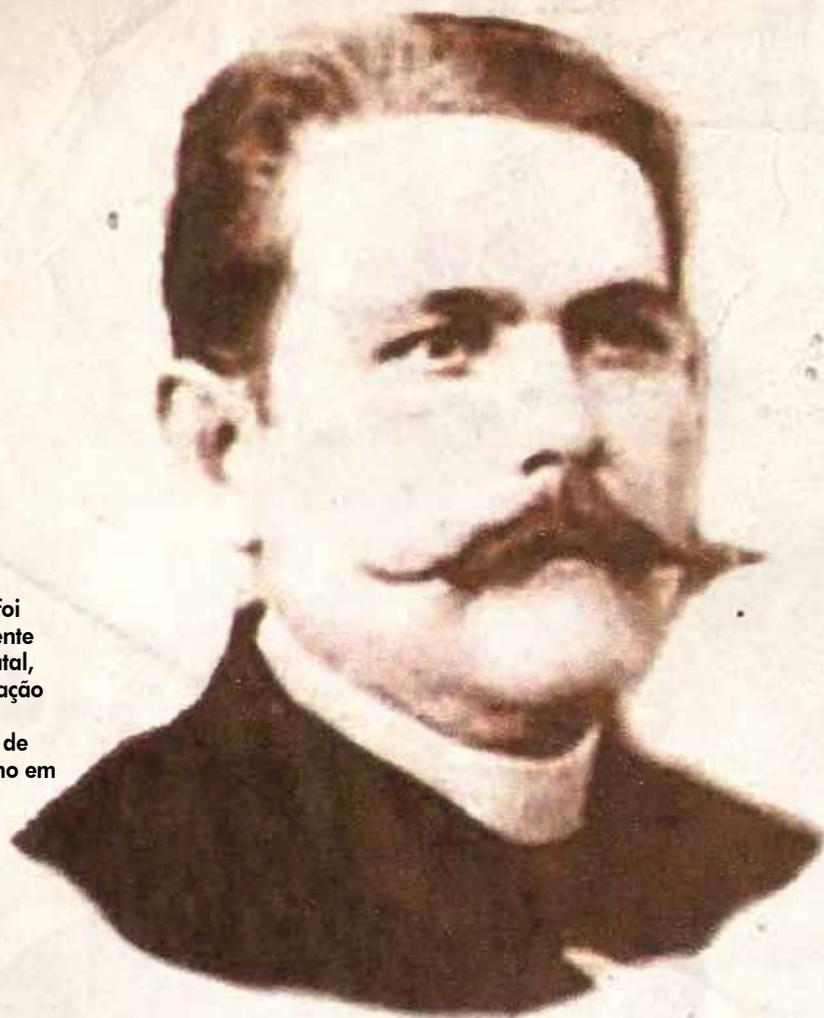
O Lar da Vovozinha surgiu da vontade firme do senhor Antenor Melo em construir uma obra baseada no trabalho dos primeiros cristãos, cuja história registra como as chamadas “Casas do Caminho”. Desde a sua fundação, a instituição registra grande afinidade com a sociedade, pois foram campanhas de doação de porta em porta que deram todo o suporte para a construção do abrigo, desde os seus primeiros tijolos.

A necessidade

Segundo Lila Carvalho, os recursos financeiros não são suficientes para dar conta dos 20 funcionários, despesas com alimentação, contas como água, luz, telefone, internet e manutenção da casa. Por isso, parcerias com doadores individuais, instituições da sociedade civil e empresas são fundamentais para fechar as contas no fim do mês.

Tão importante quanto a doação de alimentos, a dedicação de tempo e atenção para as vovozinhas também são itens de primeira necessidade. “Essas doações são a parte material, mas também tem a doação afetiva. A visita da sociedade é fundamental”, considera Lila. Qualquer entidade ou grupo informal pode agendar atividades com as idosas. O lar fica em Natal, na Av. Antônio Basílio, 1264. O telefone para contato é o 3223-1907.

Manoel Dantas foi o sétimo intendente municipal de Natal, antiga denominação para o cargo de prefeito, no ano de 1924, mesmo ano em que morreu



A vanguarda de um inesquecível potiguar

Grande intelectual, político e apreciador da cultura sertaneja, o caicoense Manoel Dantas foi o visionário cosmopolita da *Belle Époque*, autor do primeiro manifesto futurista natalense

Por Leonardo Dantas
Acervo e Pedro Lima

FILHO DO SERIDÓ, MAIS precisamente da cidade Caicó, Manoel Dantas foi um dos potiguares intelectuais de maior destaque da chamada *Belle Époque*. Nascido em 26 de abril de 1867, o jornalista, advogado, juiz, educador, político do Partido Republicano Federal e pioneiro nos estudos da cultura do Rio Grande do Norte, ao mesmo tempo em que era um homem de raízes sertanejas e aprofundado no folclore potiguar, foi um visionário cosmopolita.

Era fotógrafo também e atento ao registro dos aspectos urbanísticos e sociais que ilustravam as mudanças que aconteciam no mundo. Essa percepção sobre os fatos históricos o levou a um dos textos mais emblemáticos de seu acervo: Natal daqui a 50 anos. Apresentado em forma de palestra no dia 21 de março de 1909, no Salão de Honra do Palácio do Go-

verno, o texto descrevia de forma alegórica como estaria a situação urbana e social da capital potiguar passados 50 anos, ou seja, em 1959. Alguns pontos considerados extraordinários na época e levados com humor, de uma forma ou de outra acabaram concretizando-se.

Professor de Arquitetura e Urbanismo da UFRN, Pedro Lima, autor de livros e trabalhos a respeito do texto de Manoel Dantas, conta que Natal era uma cidade muito pequena no início do século XX, com a população concentrada nos bairros da Ribeira e Cidade Alta e ansiosa por se inserir na modernidade capitalista ocidental. “Tanto as Rocas como o Alecrim ainda estavam em formação. O Plano Cidade Nova, que corresponde hoje aos bairros Tirol e Petrópolis, estava aos poucos sendo implementado”.

A palestra foi organizada com

o objetivo de arrecadar dinheiro para a família de Segundo Wanderley, amigo íntimo de Manoel Dantas que havia falecido recentemente. O evento aconteceu quase um mês após outra apresentação, essa proferida por Eloy de Souza, sobre os costumes de Natal e as mudanças que aconteciam naquele início do século XX. Para Pedro Lima, esse clima de transformação criou o cenário perfeito para Dantas escrever sobre o futuro.

A plateia que assistia a Manoel Dantas era formada pela fina flor da sociedade de Natal. “Vale ressaltar que suas palavras expressavam os desejos da elite natalense, que ele também fazia parte, junto a figuras como Pedro Velho, Juvino Barreto, Padre Miguelinho, Padre João Maria, Alberto Maranhão, Augusto Severo, José Augusto e Juvenal Lamartine”, destaca o professor.



Autorretrato de Manoel Dantas e esposa



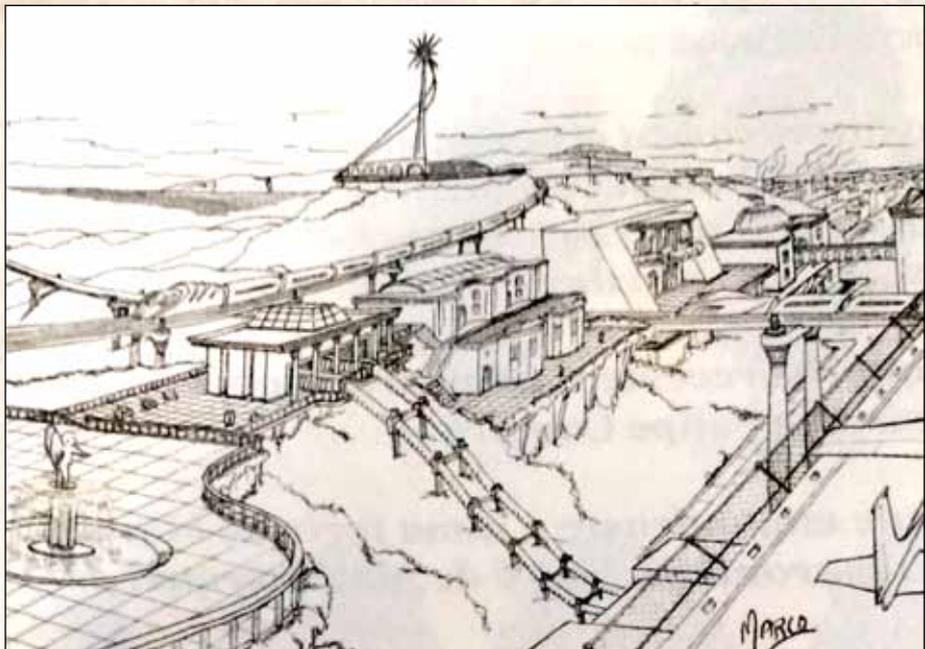
Registro feito por Manoel Dantas da inauguração da estátua de Augusto Severo, em 1913

O ‘Perigo Iminente’

O texto inicia de maneira muito bem-humorada com um convite aos presentes para participar de um piquenique, em um local batizado de “Perigo Iminente”. Que nada mais é que o morro de dunas onde se encontra hoje o bairro de Mãe Luíza e parte do Parque das Dunas. Para Pedro Lima, a denominação dramática dada ao conjunto de dunas já demonstrava uma preocupação com as possíveis consequências do desmatamento e ocupação desordenada do local.

“O Perigo Iminente é um morro célebre, a leste da cidade, que nem todos os senhores conhecerão pelo nome, porém todos certamente conhecem pelo aspecto imponente (...) Conteí a história do morro situado em frente a Cidade Nova deslocando-se sob a ação dos ventos rijos, espalhando as areias sobre as ruas como um vasto lençol tenebroso e mortífero”.

Quem diria que mais de 100 anos depois da palestra, mais precisamente no dia 13 junho de 2014, a “profecia” do perigo iminente de Manoel Dantas se concretizaria? Nesta data, após três dias de chuva intensa, uma cratera se abriu na Rua Guanabara, no Morro de Mãe Luíza, provocando deslizamento de terra que deixou mais de 150 famílias desabrigadas. Felizmente sem vítima fatal durante o sinistro, mas, nove meses depois, o morador Klebson Nascimento, 33 anos, foi sugado por tubulação das obras de recuperação e drenagem, no momento em que tentava desentupir um dos canos para o fluxo de água que começava a alagar a rua. Seu corpo foi encontrado oito dias depois.



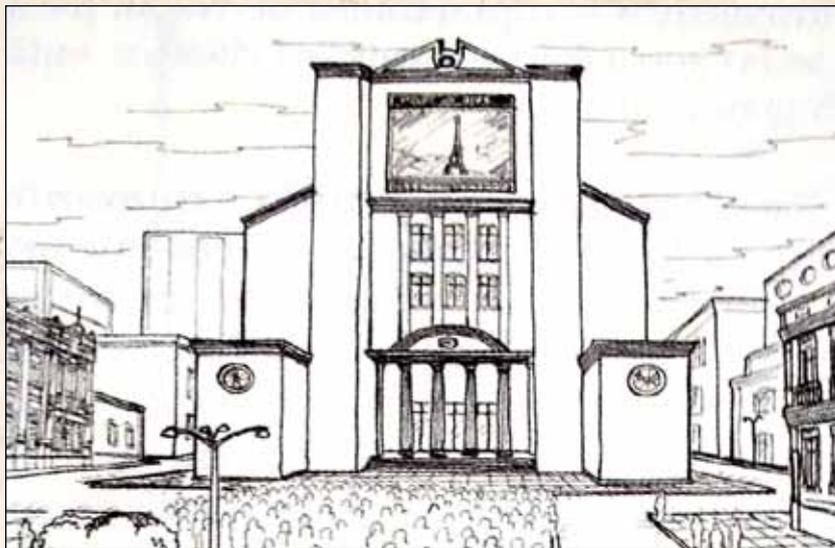
Hotéis e cassinos no Perigo Iminente



Acesso à praia pelo Perigo Iminente



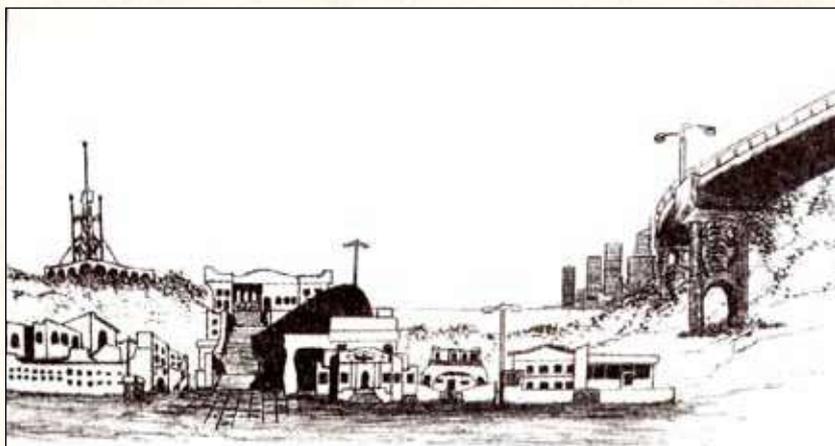
Monumento em homenagem a Augusto Severo na Via Sacra da Liberdade



No alto d'A República, uma tela exhibe notícias do mundo todo



Pontes ligando as duas margens do Rio Potengi



A Ribeira e o comércio

Em seu texto, Manoel Dantas afirmava que o “Perigo Iminente” seria um “dos pontos mais atraentes da cidade”, formado por grandes hotéis, cassinos, estradas de ferro, locais de aterrissagem aeroplanos, escadarias de mármore e granito para o mar. “Para ele, a transformação de Natal passaria pela ocupação das dunas”, diz Pedro Lima. O então ilustre palestrante adiantou fatos marcantes em no mínimo 10 anos, pois foi somente na década de 20 que a capital potiguar foi inserida na história da aviação e ganhou melhorias urbanas e a elaboração do Plano Geral de Sistematização de Natal, projetado pelo do arquiteto greco-italiano Giacomo Palumbo, a convite do prefeito à época, Omar O’Grady.

“Para irmos ao Perigo Iminente, há somente a dificuldade da escolha nos meios de transporte: tubos pneumáticos, aeroplanos, tramways e ascensores electricos.”

Além do “Perigo Iminente”, outro bairro seria formado na região que compreende as praias do Forte, do Meio e dos Artistas, chamado “Bairro das Dunas”. O local se caracterizaria pelas atividades portuárias. Para Manoel Dantas seria uma região cosmopolita, frequentada por marinheiros, caixeiros viajantes, agentes de negócios, vagabundos, operários, pessoas de todas as nacionalidades. Como seu próprio texto diz: “uma espécie de pandemônio onde se ostentassem os esplendores e as misérias da civilização”. O local seria cercado por uma avenida beira-mar que faria parte de uma estrutura viária que contornaria toda a cidade, passando pelos bairros das Dunas, Ribeira, Cidade Alta e Alecrim.

A estrada de ferro criada por Dantas e que corta o sertão do RN fez surgir do outro lado do Potengi uma cidade imensa ligada por diversas pontes. O que é hoje a Zona Norte. Para o autor, no local “estendem-se filas de armazéns, oficinas, docas, casas de negócio, albergues, estalagens, casas de campo etc”. Natal caminhava a passos largos para o futuro com seu complexo e variado sistema de transporte.

“É Natal que se atira nos braços do sertão, conquistado pela Estrada de Ferro Central. Ali vem as gentes do interior, queimadas pelo sol, porém confiantes do seu valor, fortes na sua riqueza. A seca desapareceu, ou, por outra, o homem venceu a seca, neutralizando-lhe os efeitos.”

A viagem Londres-Natal podia ser feita facilmente pela estrada de ferro transcontinental que vinha pelo Canal da Mancha, depois Estreito de Bering, cortava a América do Norte, descia pelos Andes, entrava no Brasil pelo Mato Grosso e terminava na grande estação da Praça Augusto Severo.

Não só do caráter urbanístico da cidade se tratava a palestra de Manoel Dantas. Ele previu o potencial turístico da Noiva do Sol, quando o turismo era uma atividade praticamente inexistente. Em seu texto, através de um trem transcontinental ou do transatlântico Cidade do Natal, um flutuante de mais de 40 mil toneladas, milhares de passageiros conheceriam as dunas, a hospitalidade dos natalenses e desbravariam os “sertões da América”. Substituindo o trem por avião, muitos turistas visitam hoje as belezas da capital potiguar

“O ponto de atração, o conforto de toda essa gente são os morros, as dunas alvas, a espaços cobertas de verdura, onde a vaga vem espalhar-se de mansinho com uma carícia voluptuosa de amante saciada. Os poetas do mundo inteiro têm contado o efeito mágico desses luas que deramam sobre a terra e sobre o mar a luz branca, de uma suavidade diáfana, que penetra as almas sem cansar e sem ferir.”



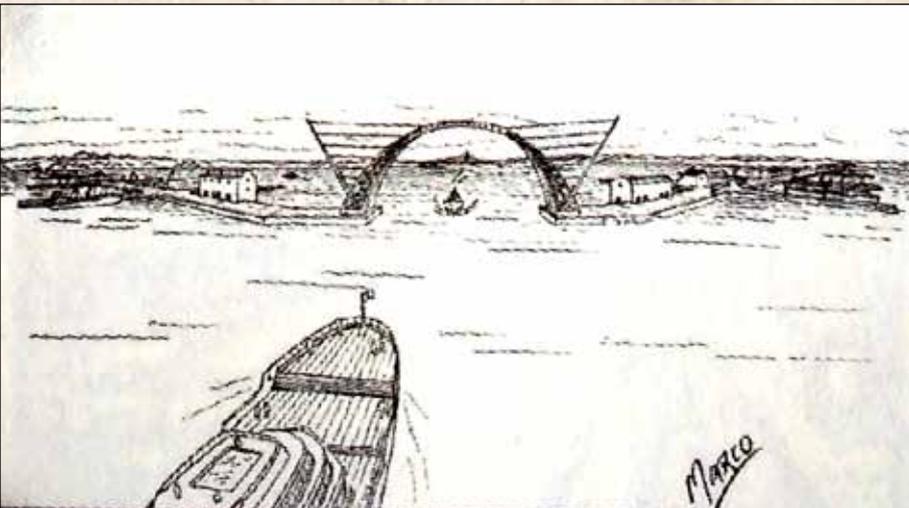
Estrada de Ferro Pan-Americana

Como Londres, Paris ou NY

“Manoel projetou uma capital mundial como Londres, Paris ou Nova Iorque. Tanto a elite como a classe operária teriam acesso igualmente às últimas conquistas tecnológicas”, destaca Pedro Lima. Em tecnologia, Manoel Dantas foi capaz de prever o que pode hoje ser interpretado como o aparelho de televisão, chamado por ele de *fotografia distância*. Instaladas em hotéis, cassinos e ao ar livre, essas *telas luminosas* transmitiriam óperas e espetáculos que estariam acontecendo nas maiores cidades do mundo, como

Londres e Nova York, em tempo real. “No sonho mítico de Dantas o processo de globalização já era uma realidade, ainda na primeira metade do século XX”, considera o professor.

Ainda culturalmente, Natal também receberia espetáculos e as celebridades artísticas mais famosas do mundo, pois o Teatro Carlos Gomes, reformado por um jovem arquiteto nordestino-grandense seria uma joia da arquitetura, colocando a capital potiguar entre os maiores centros musicais do mundo.



Transatlântico Cidade do Natal no enorme porto unia Genipabu à Ponta do Morcego



Banco de Natal

Entre poesia e pensamentos iluministas, a palestra de Manoel Dantas se desenvolvia falando de progresso, modernização, avanços tecnológicos, natureza e paisagem urbana. “A gente observa também um discurso comprometido com a civilidade, a igualdade e a liberdade. Ele fala da cidade como um espaço e instrumento para a educação do cidadão”, destaca Paulo.

A Ribeira de Manoel é o bairro do comércio. O local receberia o Banco de Natal, um enorme edifício construído na Avenida Tavares de Lira, e também o prédio da Bolsa. Vale ressaltar que o caráter comercial do bairro acabou se confirmando no decorrer do tempo. Não temos o Banco de Natal, mas temos o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal sobrevivendo ao esquecimento e sucateamento da Ribeira.

A construção dos arranha-céus e a verticalização atual de Natal também estão presentes na narrativa de Dantas. Ele descreveu um edifi-

cio chamado Natal-Palace, com terraços, jardins suspensos e ocupando alguns quilômetros quadrados. O local “apresenta constantemente uma animação extraordinária”. A imponente sede do jornal A República com seus vinte andares possui no alto um “mostrador” luminoso onde notícias do mundo inteiro são exibidas a cada minuto.

“Na cidade Alta, trava-se a luta da resistência entre o passado e o presente. O aborígene quis opor à invasão do progresso o dique de suas tradições; porém, dia a dia, as casas se transformam, as ruas se alargam, a vida circula, impetuosa, febril, dominadora”.

Apesar do caráter romantizado que Manoel Dantas tratava a modernização e o desapego às tradições, hoje na capital potiguar esse movimento tornou-se um problema. Prédios que ajudaram a escrever a história de Natal são abandonados, ou simplesmente derrubados, e no seu local ergui-

das novas construções que sepultam o passado, deixando uma cidade desmemoriada. “A cidade, hoje, não é aquela sonhada por Manoel, mas a verticalização e ocupação dos espaços às margens do Rio Potengi atestam a contemporaneidade do seu texto”, assevera o professor Pedro Lima.

A palestra “Natal daqui a 50 anos” não foi uma profecia ou apresentou um plano urbanístico da cidade, já que em 1909, a Natal imaginada por Manoel Dantas era algo bem improvável, como explica Pedro Lima: “Foi um desejo sonhado para a capital potiguar que ele se dispôs a compartilhar, mas pode-se dizer que foi um esboço de cidade que a elite natalense desejava. Porém, é importante lembrar que alguns pontos, como a ocupação das dunas, se concretizaram, assim como a inserção de Natal em um mundo globalizado pelas telecomunicações e os meios de transporte de massa”.

Procuram-se COROAS

Site de relacionamento para pessoas acima de 40 anos faz sucesso e acumula mais de 2,5 milhões de visitantes

Por **Lissa Solano**

Ilustração: Brum

“ESTÁ DIFÍCIL ENCONTRAR UM companheiro”. Provavelmente você já ouviu essa frase. Entre os solteirões acima de 40 anos, a situação pode ser ainda mais difícil. Ou era, pelo menos. O jornalista Airton Gontow, 55 anos, lançou há quatro anos o *Coroa Metade*, site voltado para unir pessoas maduras com interesses semelhantes. O endereço eletrônico funciona como uma espécie de *Tinder* e acumula mais de 2,5 milhões de visitantes. É responsável por quase 40 casamentos. Há menos de um ano, tornou-se responsivo (formato versátil para uso em dispositivos móveis) e cresceu de 92 mil para quase 200 mil cadastros de usuários de todo Brasil.

Airton Gontow conta que a ideia do site surgiu a partir de dois momentos. O primeiro, por uma amarga experiência pessoal quando



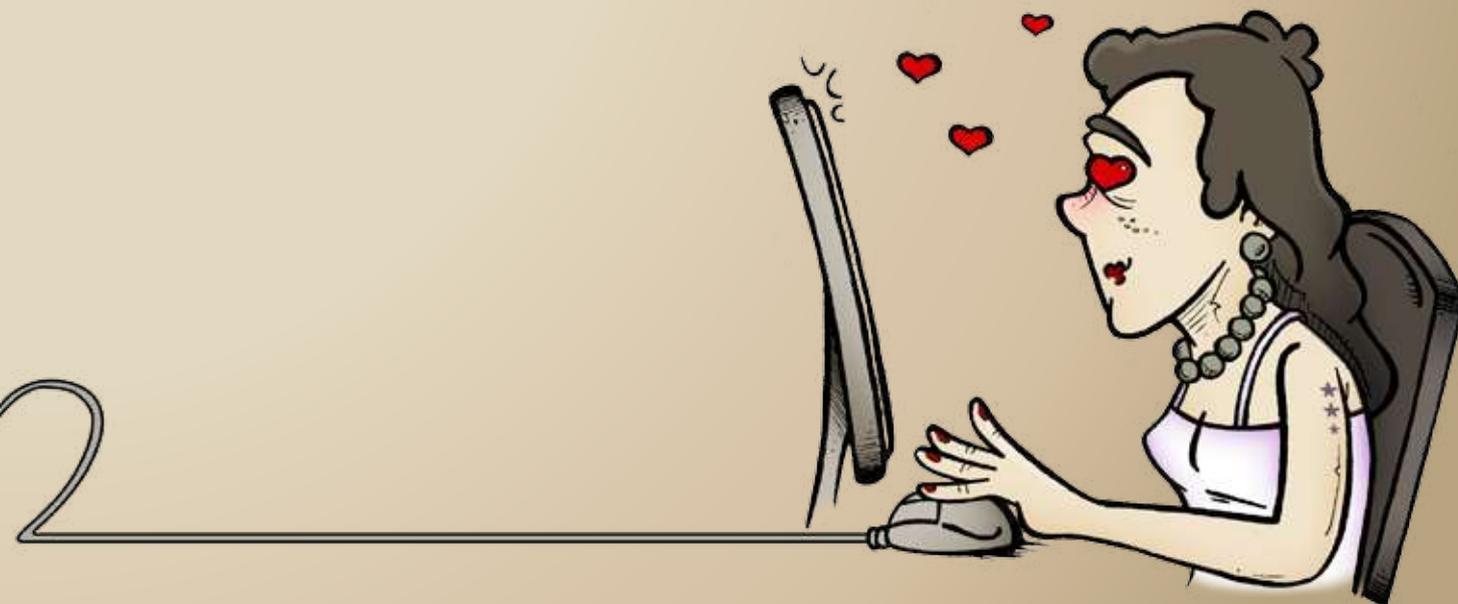
passou dois anos solteiro após o término do seu primeiro casamento. “Era fácil encontrar uma companhia, porém, muito difícil encontrar uma companheira. Quando se adquire uma certa maturidade, sabe-se bem o que você não quer mais, e nesse mundo de tantos ‘quereres’ fica difícil encontrar pessoas que queiram um relacionamento sério, para dividir momentos de sua vida, se interessar pela vida do outro e compartilhar gostos e desgostos”, comenta. Ele acabou encontrando um novo amor, Maria Conceição Pereira, e, já casado com ela, foi a um encontro da turma da escola, há cinco anos, no qual se identificou com a reclamação da dificuldade de se construir um relacionamento, dita por diversos amigos solteiros.

“Acredito que falta o interesse das pessoas em aprender, ceder e conviver com os defeitos do outro. Posso

falar por experiência própria que acabamos nos adaptando aos defeitos, e até gostando depois”, diz. Incomodado com estas frequentes reclamações e como um grande entusiasta do amor, o jornalista resolveu ajudar os amigos e demais pessoas criando um site de relacionamento na maturidade, o *Coroa Metade*. “Mais de 80 pessoas saíram do site porque encontraram um parceiro ou parceira. Acho que esse é o primeiro negócio em que comemoramos quando perdemos um cliente”.

Atualmente, o público do site é formado por 65% de mulheres e 45% homens. Segundo o diretor do negócio, as mulheres afirmam ter mais dificuldade para conseguir um relacionamento na maturidade. “Minhas amigas comentam que os homens têm sérias dificuldades de aceitar um relacionando com mulheres que tenham um passado de outros rela-

cionamentos mais sérios e/ou com filhos. É um problema da mentalidade da nossa sociedade”, comenta. Sobre essa questão, ele cita o texto “Mulher do ano”, do psicanalista Erich Fromm, que discorre sobre a ânsia de novidade da sociedade, que procura sempre ter o carro “do ano”, o telefone “do ano” e, por que não, a mulher “do ano”. Um dos desafios do endereço eletrônico é conseguir equilibrar o público atraindo mais homens. “Uma mulher quando acessa o site conta para dez ou mais amigas, que também buscam se cadastrar. Já o homem não conta para ninguém, pois geralmente tem medo de ser questionado pelos amigos de ser incapaz de conseguir uma companheira. Outra observação interessante é que, de maneira geral, as mulheres são mais assíduas. Elas entram quase todos os dias, enquanto os homens uma ou duas vezes.



O amor de vera

“Há muitos anos eu estava em busca de um grande amor. Conheci alguns homens na vida real, mas por nenhum senti algo especial. Já tinha ouvido várias histórias de sucesso e fracasso em namoro pela internet. Sempre pensava: ‘encontrar um homem honesto na vida real já é difícil, imagine no mundo virtual’”, conta Vera Garcia, pedagoga de 46 anos.

“Tenho algumas sugestões para quem começou agora a se relacionar através do site. E a dica número 1 é seja você mesmo(a)! Se a pessoa que você encontrou se apaixonar por você, logo no primeiro encontro não sofrerá nenhum tipo de decepção, pois você usou de toda a sinceridade“. Após três encontros com Hélio, começaram a namorar e perceberam que um completava o outro. Estão casados e são muito felizes, assim como pelo menos outros 40 casais que se conheceram no site Coroa Metade. “Falamos a mesma ‘língua’ e temos gostos parecidos. Enfim, ele é a minha alma gêmea! Se alguém me falasse um tempo atrás que era possível encontrar um grande amor na internet, não acreditaria. Hoje posso comprovar que isso é verdade”, declara Vera Garcia.

Após experiências em salas de bate-papo e várias pesquisas no Google de um site que realmente fosse confiável, ela encontrou o



Vera Garcia e Hélio Faria

Coroa Metade e resolveu fazer a tentativa. A investida deu certo. Vera conheceu Hélio José de Faria, 60 anos, comerciante, que hoje é o seu marido.

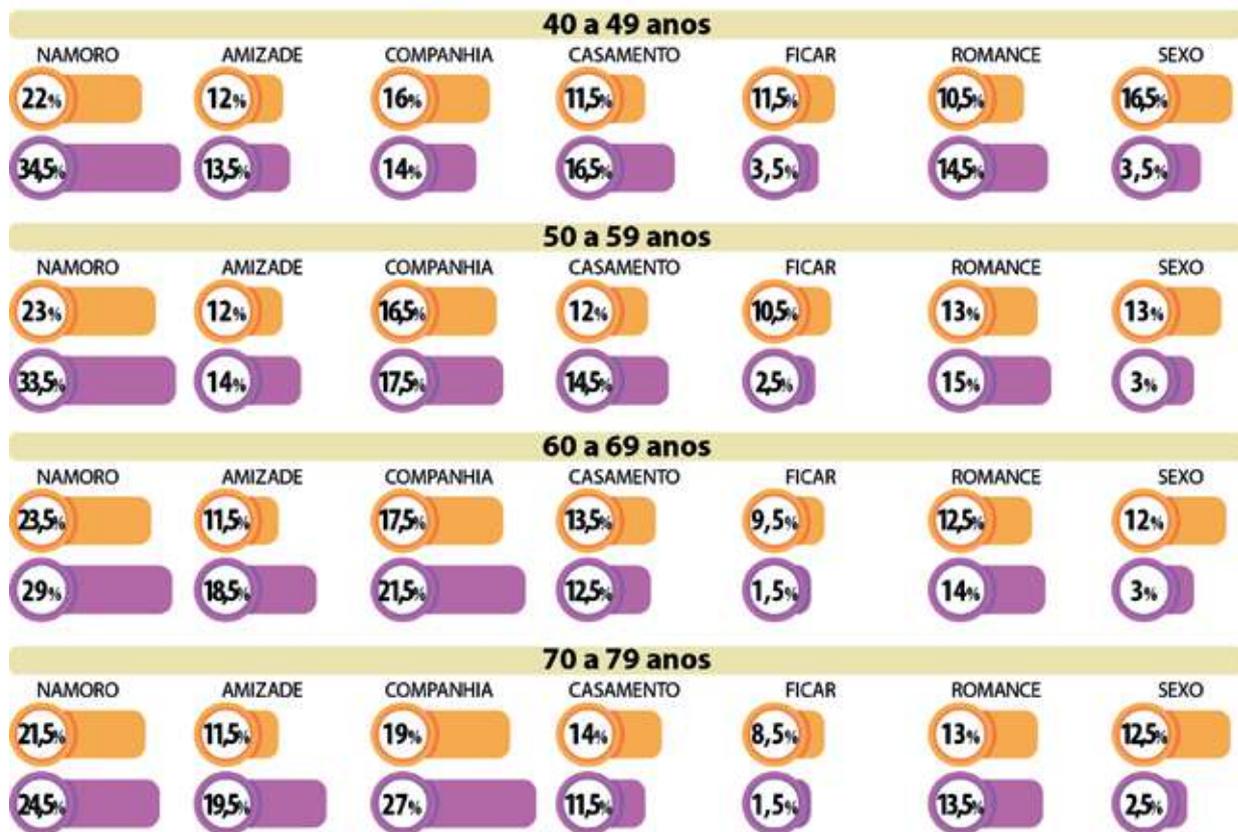
“Optei pelo site Coroa Metade porque estava procurando homens maduros para um relacionamento sério. Na etapa de preencher meu perfil, fui bem sincera com as informações, pois estava esperando o mesmo da outra pessoa. Fui direta e objetiva em relação a minha idade, meu estado civil e experiências. Coloquei a foto

mais recente que eu tinha. Enfim, procurei ser eu mesma. Em minha opinião nada pior do que você se passar por outra pessoa e o outro descobrir que tudo aquilo era uma farsa, uma mentira”, detalha.

Hoje, Vera é blogueira e criadora e administradora dos blogs Deficiente Ciente e Namoro Poderoso. Sim. Vera é deficiente física, ela sofreu um acidente aos 11 anos de idade, o que a tornou amputada do membro superior direito e, obviamente, esta informação não foi omitida do seu perfil.

O QUE ELES E ELAS PROCURAM?

HOMENS MULHERES



O Coroa Metade segue o modelo de *matchmaker*, sites de encontros, surgidos nos Estados Unidos, nos quais as pessoas preenchem amplos cadastros antes de começar a teclar. O objetivo é traçar o perfil pessoal do eventual parceiro (a) e assim aumentar as chances de encontrar alguém que realmente valha a pena. “Quanto mais detalhes a pessoa conta, melhor, pois elas servem de filtro para que só entrem em contato pessoas interessadas nas mesmas preferências e que realmente acreditem que corresponderão à expectativa do usuário. Como diretor do site, percebi que é uma bale-

“

Uma das poucas vantagens da pessoa madura é ao menos saber o que não quer. Então, sempre digo para não perderem tempo conversando com pessoas que tenham defeitos intoleráveis para a pessoa.”

Airton Gontow

la aquela história de que as pessoas mais velhas sabem o que querem. Nunca sabemos realmente o que queremos! Mas, uma das poucas

vantagens da pessoa madura é ao menos saber o que não quer. Então, sempre digo para não perderem tempo conversando com pessoas que tenham defeitos intoleráveis para a pessoa” detalha o idealizador.

O cadastro no site é gratuito, mas existe uma assinatura (conta premium) que oferece mais vantagens, como acesso ao *chat*, possibilidade de saber quem visualizou o perfil e se comunicar com todos os usuários do site, mesmo com quem não é pagante. O valor mensal do *Coroa Metade* varia de R\$ 18,90 a R\$ 37,90, dependendo do prazo e forma de pagamento.

Acertando o alvo

Airton Gontow, além de idealizador e diretor do site *Coroa Metade*, mantém contato direto com os usuários, oferecendo dicas para ajuda-los a encontrar o parceiro ideal, e também para protegê-los de eventuais inconvenientes. “Todos os cadastros no site são aprovados manualmente. Vivemos em um mundo sem segurança e de muitas pessoas maldosas, por isso fazemos questão de identificar a veracidade dos perfis e acompanhá-los durante o processo de busca do parceiro”, afirma.

Sobre a segurança, ele alerta que quando marcar o primeiro encontro, faça sempre em um lugar público, como um *shopping center*. “Não deixe a pessoa buscar você em casa. Vá por conta própria. Peça para alguém telefonar para você e responda algo do tipo: ‘cheguei, sim está tudo bem. Estou aqui no shopping tal...’, para deixar claro que seus amigos e parentes sabem que você foi encontrar uma pessoa que conheceu no site”, alerta. Outra informação fundamental: em hipótese alguma deve ser enviado dinheiro para a pessoa de quem está se aproximando. Ele pede que denuncie ao site caso isso ocorra.

A função de cupido já lhe rendeu fortes emoções e novas amizades. “Já fui a vários dos casamentos entre usuários de sites e é sempre gratificante acompanhar o amor cultivado entre as pessoas”.



Paulo, Airton Gontow e Sueli em evento promovido pelo site



Sandra e Diogo com os diretores do Coroa Metade, Airton Gontow e Maria Pereira Gontow

O site de relacionamento
para quem está na melhor fase da vida

Cadastrar-se



Encontre o contato correto para você e seu parceiro

ESPECIAL PARA CASAROS - CUIDAR DA VIDA - CUIDAR DA SAÚDE - ENCONTRO COM O MELHOR

Sobre o Coroa Metade

O Coroa Metade é voltado para pessoas maduras, a partir de 40 anos, que procuram um parceiro com as mesmas características e valores para compartilhar a vida em parceria e proporcionar momentos de vida. Mulheres e homens que não tem tempo a perder, mas querem encontrar alguém, mas que está disponível para a parceria com você.

Copyright 2017 Coroa Metade - Todos os direitos reservados.

Nome e sobrenome e o tipo de empresa são mantidos registrados no INEL WEB SERVICES. No entanto, nenhuma informação será enviada para o site de acordo com o termo de uso e política de privacidade.

Journal Coroa Metade

Dicas de Gontow para encontrar um relacionamento pelo site:

1 – Escolha, claro, fotos que mostram seus melhores ângulos, mas nunca, em hipótese alguma, fotos antigas, que não revelam como você é hoje;

2 – Não deixe que a carência afetiva faça com que você se desvie do que você procura no site;

3 – Como em todas as situações da vida, preste atenção nos pequenos detalhes. Se a pessoa que está se interessando por você perguntar três vezes, ainda que em dias diferentes, qual é a sua profissão ou quantos filhos você tem, é um forte indicio de que o interesse não é real ou que ela está flertando ao mesmo tempo com várias pessoas;

4 – Diz um velho ditado que “o segundo casamento é o triunfo da esperança sobre a experiência”. Muitas, talvez a maioria das pessoas que frequentam o *Coroa Metade* e mesmo outros sites de relacionamento, acumularam tristezas, e em algum momento disseram que não iriam mais casar. Mas a esperança de encontrar alguém que realmente seja compatível fala mais alto;

5 – O site serve para aproximar as pessoas, mas o que continua importando é a hora do encontro real. O que vale é o olhar, o cheiro, o toque, o beijo, a energia. Mesmo com toda a mecanização do mundo moderno, continuamos a ser, felizmente, absolutamente humanos. Humanos em busca de carinho e de amor!

Curiosidade dos coroas

O nome ‘coroa’ teria uma conotação pejorativa para as pessoas? Essa é a curiosidade que talvez tenha permeado na sua cabeça, leitor, e que foi uma preocupação para o empresário inovador. Para isso, antes de investir no site, ele fez uma

ampla pesquisa de mercado junto com os amigos, questionando verdadeiros coroas nas ruas.

Entre as indagações, ele perguntava se a pessoa teria vontade de ir a diversos tipos de eventos para ‘coroas’. A surpresa revelada é que,

além de confirmarem o interesse em eventos e questões direcionadas ao público específico de mais de 40 anos, os entrevistados revelaram que o uso do termo poderia afastar jovens, o que foi apontado como um ponto positivo.



Entre a batina e a sanfona

Natural do Rio Grande do Norte, padre Caio Cavalcanti já esteve com sua sanfona em palcos de programas nacionais, como o Esquenta, e busca unir seus dois talentos na vida sem abrir mão de um deles

Por Leonardo Dantas
Fotos: Everson Andrade e arquivo



AS HISTÓRIAS DOS HERÓIS e heroínas do sertão sempre carregam um tom de superação e de conquista. Confrontos pessoais, preconceitos e perdas. A saga do Padre Caio Cavalcanti, o Padre Sanfoneiro do Brasil, não é diferente. A vocação para música e para a religião despertou desde cedo. Lutou consigo mesmo até aceitar o talento e unir ao amor por catequizar. Conheceu a fama nacionalmente, fez amigos famosos, enfrentou um grave problema de saúde e quando estava pensando em desistir, encontrou um amigo que se transformou em irmão e, ao seu lado, está na batalha de realizar o seu grande desejo: o reconhecimento na sua cidade natal. “Vem com fé, porque você é do tamanho da sua fé”. É com esse bordão que o Padre Caio convida o leitor a conhecer um pouco de sua vida.

Profano e sagrado

De Natal e nascido no bairro do Alecrim, em 1987, filho de pai pastor e mãe espírita, Caio José Cavalcanti foi criado pelos bisavós e, desde muito cedo, por volta dos cinco anos de idade, despertou sua vocação para o sacerdócio. “Eu sempre assistia ao papa João Paulo Segundo, hoje santo da igreja, celebrando missas. Ele celebrava de lá e eu de cá. As minhas brincadeiras de infância eram realizar missas para os meus primos e amiguinhos”. Padre Caio lembra também que em todas as quadrilhas juninas que participou sempre fez o papel do padre.

A convivência com o bisavô, “Seu Militão”, influenciou diretamente no gosto musical. “Meu bisavô tinha um vitrola que tocava aqueles bolachões e na sua coleção tinha bastante material de Luiz Gonzaga, daí nasceu minha admiração pelo Rei do Baião”. Autodidata, padre Caio aprendeu a tocar violão e teclado apenas ouvindo. “Meus tios e primos tinham alguns instrumentos em casa e, enquanto eu escutava os discos, tentava repetir só de ouvido. Sempre ali nos bastidores, porque minha família, muito tradicional naquela época, achava que música era coisa de quem não queria trabalhar”.



Entre amores: o cenário do sertão e a sanfona na mão

Com 12 anos de idade deu início à sua trajetória sacerdotal, participando dos chamados encontros vocacionais no Seminário São Pedro, em Natal. “Com minha veia

musical aflorada, saí de casa aos 14 anos, em 2001, e fui estudar no seminário. Lá concluí meu curso de filosofia e comprei minha primeira sanfona”. Por meio do seminário,



“

Antes de viajar eu vendi minha sanfona, porque eu não conseguia conceber a ideia de um padre tocando acordeón. É um instrumento nordestino, mas que sofre muito preconceito no Sudeste”.

conseguiu bolsas de estudos. Primeiramente no CEI e, em seguida, no Colégio Henrique Castriciano. “Dona Noilde (Ramalho, diretora do colégio), além da bolsa, nos

incentivava a participar do coral”. Com o talento para a música, passou a ser conhecido como o seminarista divertido. “Era muito bom. Nos sábados nós tínhamos as rodas

que o reitor fazia e eu tocava além das músicas da igreja, outras músicas culturais. Era a alegria do seminário”, lembra com saudade.

Já licenciado em filosofia e com seus 20 anos, o jovem Caio pediu um tempo para reconhecer sua vocação e saiu do seminário. “Eu precisava me encontrar. Nesse mesmo período eu tive a chance de realizar outro sonho meu, que era cursar Educação Física na universidade”. Porém, não demorou muito e cerca de dois anos depois a vocação aflorou. O seminarista voltou aos estudos religiosos. “De manhã eu cursava Teologia e à tarde Educação Física”.

No ano de 2010, além de ter finalizado seus cursos, foi ordenado diácono na Capela Ecumênica do Campus da UFRN. “Eu podia ser ordenado no Rio de Janeiro, mas eu preferi que fosse aqui. Então, os bispos de Salvador e do Rio de Janeiro vieram para cá”. Apesar de todo o caminho já percorrido, o diácono Caio ainda tinha dúvidas de sua vocação. “Eu lembro que disse ao bispo ordenante Dom Paulo Ferreira: Padre, agora não, preciso de mais um tempo”. Porém, depois do chamado período canônico da Igreja, que dura seis meses, foi ordenado padre presbítero e em seguida mudou-se para o Rio de Janeiro. “Antes de viajar eu vendi minha sanfona, porque eu não conseguia conceber a ideia de um padre tocando acordeón. É um instrumento nordestino, mas que sofre muito preconceito no Sudeste”.

Feira de São Cristóvão e o segundo batismo

Após um ano no Rio de Janeiro, recebeu dos amigos uma sanfona de presente e tocava escondido dentro da igreja. Com o tempo, passou a tocar nos grupos de jovens. “O pessoal começou a gostar e o maior estopim veio de uma visita que fiz à Feira de São Cristóvão no Rio, a convite de um arquiteto que estava trabalhando num projeto de revitalização da nossa paróquia na baixada fluminense”, revela o padre.

Na ocasião estava acontecendo a gravação da novela “Salve Jorge”, da Rede Globo, e um trio de sanfoneiros se apresentava no local. “Um dos tocadores desceu do palco e veio até a mim conversar e me perguntou se eu era padre. Res-

pondi que sim, e meu amigo disse que além de padre eu tocava sanfona. Nunca esqueci o nome desse sanfoneiro, era Cassiano Beija Flor”. O sanfoneiro entregou o instrumento para padre Caio, que tocou músicas de Luiz Gonzaga e canções da igreja. “O pessoal começou a ficar em volta, começou a lotar, a repercutir e quem estava lá nesse momento era Lilian Aragão, esposa de Renato Aragão”.

O sucesso foi tão grande que o padre começou a receber ligações para novas apresentações. “Então liguei para dom Paulo, que estava no Paraná, e expliquei toda a situação para não haver conflito. Ele me pediu para aguardar que conversa-

“

O pessoal começou a ficar em volta, começou a lotar, a repercutir e quem estava lá nesse momento era Lilian Aragão, esposa de Renato Aragão”.

ríamos na sua volta”. Em uma audiência com o seu bispo ordenante, padre Caio foi “batizado” como o “Padre Sanfoneiro do Brasil”. “De início, aquele título me doeu muito, era algo muito preconceituoso. Tinha padre cantor, guitarrista, mas sanfoneiro eu nunca tinha visto”.

A primeira apresentação do Padre Sanfoneiro do Brasil rendeu o convite para assumir o projeto de capelania da Feira de São Cristóvão, tocando durante o evento e celebrando as missas nordestinas. “A igreja aprovou, fiquei por lá um bom tempo, era 2012, e a projeção foi muito maior. Foi quando Lilian Aragão me ligou, disse que Renato queria me conhecer e fui ao Projac”. Nesse período, Padre Caio começou a frequentar a região de Vargem Grande, nas imediações dos estúdios da Rede Globo. Conheceu algumas pessoas famosas, com Lima Duarte, Dedé Saldanha, Péricles, Arnaldo Farias etc. Celebrou o casamento da empresária Therese Lagranha, mãe da ex-atriz mirim Debby Lagranha, que deu abertura para vários outros eventos.



Passeando no Projac



Ao lado de Renato Aragão, no ano em que participou do programa “As aventuras do Didi”

“

Imagina só, sou formado em filosofia, teologia, educação física e mestrando em educação”.

Ao lado de Renato Aragão

Em uma visita à casa do comediante Renato Aragão recebeu o convite que deu um grande impulso na sua carreira. “Eu lembro que durante um almoço ele disse: - Meu filho, você tem um trabalho lindo, é nordestino e toca sanfona. Você vai entrar comigo no programa”. Pela primeira vez o Padre Sanfoneiro aparecia em cadeia nacional, no progra-

ma As aventuras do Didi – Especial de Natal 2012. “Imagina só, sou formado em filosofia, teologia, educação física e mestrando em educação. Até então eu não me via em nenhum tipo de projeção e minha primeira participação foi nessa dimensão. Eu não entendia nada de produção, posicionamento de câmera etc., mas, ali tudo começou”.

Saúde e Esquenta

Em 2013, Padre Caio retorna a Natal para uma cirurgia de redução de estômago, que gerou diversas complicações. “Eu fiz uma redução por questões de saúde. Porém, durante a noite, enquanto eu dormia, meu intestino delgado deu um nó devido à morfina e precisei fazer outra cirurgia às pressas”, conta. Além disso, Padre Caio ainda precisou tirar a vesícula e passar por algumas reparações. “Ao todo foram quatro cirurgias. Interessante que um médico até brincou comigo dizendo que eu tinha alguma coisa aqui na Terra, porque fui no céu e não me quiseram, fui no inferno também não me quiseram e eu estava aqui vivo. Porque realmente foi algo muito delicado, foi algo súbito.

Por muito pouco não passei”.

Recuperando-se do processo médico delicado, Padre Caio preferiu ficar em Natal realizando pequenos eventos, shows e celebrações como o Padre Sanfoneiro. “Fiquei morando nas Quintas, onde resido hoje, e em 2014 eu recebi uma ligação da produção do programa Esquenta, de Regina Casé. Eu lembro que gravei o programa no dia 13 de maio de 2014. Lembro que no início não acreditei, a chamada era sem identificação e eu pedi para me ligarem de outro número. Fui até um pouco chato”. Durante o programa, que era especial de São João, a apresentadora Regina Casé prestou homenagem aos sanfoneiros do Brasil. Além

do Padre Sanfoneiro, o programa recebeu mais dois sanfoneiros que tocaram funks famosos no acordeón. O Padre Caio tocou uma versão da música “Ela é top”. A banda Aviões do Forró também estava presente no palco e se apresentou junto com a música Asa Branca.

Após a visibilidade conquistada através da apresentação no programa dominical da Globo, o Padre Sanfoneiro começou a percorrer o Nordeste. “Produtores nacionais quiseram fechar trabalho com a gente, gravamos clipes, CDs. Muitos shows pelo interior, pelo Ceará. Abrimos o Mossoró Cidade Junina de 2015 junto com o Padre Juarez e estivemos também em diversos programa locais”, diz.



Nos bastidores do programa Esquenta, com os vocalistas da banda Aviões de Forró



No palco do Esquenta com a apresentadora Regina Casé

Ceará e Reconhecimento

Aclamado no Ceará, por muitas vezes o padre Caio precisa da ajuda de seguranças para conter os fãs. “Minha história por lá começou quando fomos convidados pela apresentadora da TV Diário Suzy Valério para participar do programa Paz e Amor. Foi no final de 2014. A resposta do público foi tão boa que fizemos o especial de Natal da TV Diário daquele ano”. Após a repercussão de suas participações na emissora cearense, o padre potiguar foi convidado para participar do Festival Levitas, na cidade de Acarape (CE). Um evento que reúne bandas e artistas católicos e evangélicos.

“Nós entramos no festival como atração nacional. A partir daí surgiu o relacionamento com a Assembleia Legislativa do Ceará, e dessa relação o título de Cidadão Cearense em maio deste ano. Em fevereiro de 2017, estaremos recebendo também o título em Acarape”. Sempre que se refere ao seu trabalho, ele faz questão de falar em “nós”, dando destaque ao seu amigo e produtor Abimael Filho, responsável por dar novo fôlego ao trabalho.

Mesmo com as conquistas, padre Caio não estava feliz. Seu sonho de ser reconhecido em seu estado e cidade natal não estava acontecendo. “Depois de tudo isso eu me senti muito cansando. Pas-



Com o amigo, irmão e produtor Abimael Filho

sei por produtores e diretores, que na verdade lesionaram nosso trabalho. Cansa não ser reconhecido na sua terra, não ter a visibilidade que se espera”. Em março deste

ano, após as diversas decepções, havia decidido parar o trabalho. Ele conta que era uma terça-feira à noite, desligou o celular e deitou em sua rede após a decisão.

Nova fase

“Quem gosta de contar essa parte é ele”, diz Padre Caio se referindo ao seu produtor, Abimael, que relata cheio de detalhes. “Estávamos precisando de um padre para falar sobre a Semana Santa no programa de Toinho Silveira, pois o nosso convidado não atendia nossos telefonemas. Um dos entrevistados no dia me passou o contato de padre Caio, que, ao atender, além de confirmar presença iria trazer a sanfona”, conta Abimael, que viu o potencial do padre em alçar voos mais longes.

Com formação em música, Abimael enxergou o lado artístico do padre. “Eu sempre pensava nele cantando e tocando sanfona, e só depois via que ele era sacerdote. Achei aquilo tudo muito legal e o convidei para participar da Sexta-feira Santa, no programa Comando 95, da 95 FM, em um quadro chamado Momento de Fé”. Em sua primeira participação, os telefones não paravam de tocar. Eram ouvintes elogiando e pedindo que o padre voltasse.



Em Natal, durante entrevista no programa de Toinho Silveira

A partir daí Abimael e Padre Caio continuaram mantendo contato e, aos poucos, a parceria foi tomando forma. O que era para ter sido uma única participação, transformou-se em um quadro semanal chamado Momento de Fé. “Na minha primeira viagem para o Ceará com padre Fábio, fomos recebidos por fãs com cartazes que estavam esperando a sua chegada. Eu não tive mais dúvidas do sucesso e potencial que ele pode alcançar mais”, fala o produtor.

Com a adesão do novo cole-

ga, o trabalho do Padre Sanfoneiro tem ganhado novas forma e filosofia. “Abimael veio somando, nosso Momento de Fé se transformou nesse despertar novo que é o nosso programa Despertando com Fé”. O programa que era um sonho antigo do padre é transmitido de segunda a sexta-feira, das 5h às 6h da manhã. “Tudo aconteceu de uma maneira muito natural. Meu contrato com uma TV local acabou recentemente, e fui presenteado com esse novo projeto”, comenta o padre.



Entrevista na InterTV Cabugi



No programa de rádio Comando 95, quando fazia o quadro Momento de Fé

Igreja e rompimento

“A igreja não me via”, responde padre Caio quando questionado sobre sua relação atual com a Igreja Católica. Ele conta que ao contrário do que acontecia no Rio de Janeiro, onde seu lado artístico era respeitado, em Natal sua arte não era reconhecida. “Eles sempre me trataram muito bem, como padre sempre fui muito respeitado. Mas, para estar com eles aqui eu precisaria largar minha sanfona”. O amor pela arte e pela sanfona era tão grande que o padre pensou em largar a batina e seguir sua vida tocando. “Quando subo nos palcos, eu vejo a dimensão e a força que tocar e cantar têm para atingir a espiritualidade do povo. Nesses momentos eu percebo a importância que a minha sanfona tem para tocar as pessoas”.

Ao se enxergar verdadeiramente como o Padre Sanfoneiro, percebeu que a sua missão era evangelizar através da música. “Fui criando minha identidade, mudando inclusive meu estilo de roupa, tudo por uma questão de arte”. O conflito com a Igreja Católica Romana fez com que procurasse outro segmento dentro da Igreja. “A igreja oficial da Inglaterra é o anglicanismo, a anglo-católica. Me aceitaram por completo e todos os domingos celebro missa na Capela do Campus da UFRN, a partir das 9h”. Padre Caio conta também que depois de sua ascensão na mídia foi procurado novamente por outros segmentos da Igreja, mas



preferiu continuar com quem abriu as portas para sua arte primeiro.

Um agradecimento especial que o Padre Sanfoneiro do Brasil fez questão de registrar é para o seu “pai musical”, o sanfoneiro Arnaldo Farias. “Arnaldo Farias é um dos patriarcas do forró potiguar e abriu muitas portas para mim. Nossa ligação é tão forte que quando ele foi receber o Título de Cidadão Natalense, recentemente, eu fiz questão de marcar presença e nenhum de seus filhos estava lá. Ele ficou muito emocionado”, conta.

Com cinco CDs lançados e um DVD na pré-produção, Padre Caio é uma efervescência de trabalhos. “Nós temos uma música chamada Meu Senhor da Glória, que é uma composição de José Barros. Um presente que ganhei e que canto com Riva Júnior. A canção está nas rádios daqui e já chegou no Ceará”. Com todo o sucesso conquistado e as novas conquistas que estão por vir, o Padre Sanfoneiro suspira de felicidade: “É o filho da terra sendo reconhecido na terra. Agora é outra história”.



ARTISTAS DE TELAS VIVAS

Donos de técnica e talento, a profissão de tatuadores está em alta. Mesmo em tempos de crise econômica, mercado da tatuagem cresce em Natal (RN) e estúdios que focam em desenhos autorais se destacam

Por Clara Vidal

Fotos: Ticiano D'Amore, Clara Vidal e arquivos



ESQUEÇA OS CARTAZES COM fotos de tatuagens expostas por todos os lados ou aquele barulhinho intimidador de máquina logo na entrada. O estúdio Theosophiatattoo, do tatuador Roberto Nascimento, em Natal, Rio Grande do Norte, segue outra tendência: é um ambiente acolhedor que pode ser descrito como uma mistura de ateliê de arte com um pedacinho da casa de “Beto” e de Giovanna Figueiredo, “Aghata”. É ela quem recebe e é responsável pela parte administrativa. “Eu sou o corpo e Roberto é a alma”, diz, sorrindo.

O artista das peles chega depois de finalizar uma tatuagem na sala que fica no andar de cima e fala sobre a relação entre o local e o processo criativo. “O ambiente assim, sem apelo visual, é para não atrapalhar esse processo. Dou espaço para a pessoa me dar matéria prima. É o que você fala, o modo que fala, como se veste. Junto tudo e converso sobre a ideia que você me traz da tatuagem, mas é um voto de confiança. A maioria das tatuagens desenvolvemos na hora”, esclarece Roberto.

O resultado tem dado muito certo, já que a agenda vive lotada. As fichas para o agendamento são distribuídas em um dia. No último realizado em 2016, foram distribuídas 1157 fichas, cujas conversas acontecerão até maio para que, de acordo com agenda, o grande dia de cada uma dessas pessoas ser rabiscada chegue. Assim, quem quiser se tatuar com Beto e não tiver entrado na fila quilométrica que se forma nos dias de distribuição dessas fichas, provavelmente só conseguirá realizar o feito no segundo semestre de 2017 – com sorte!.

Os dois gostam de reforçar que o foco do estúdio é trabalhar com histórias para criar algo bastante particular. Antes de começar a tatuar, há sempre uns 15 minutos de conversa para enriquecer o desenho. “Quase todo mundo quando chega com uma ideia de tatuagem e um sentimento para colocar nela. Até quem chega dizendo que não tem um significado aparente, tem um sentimento que acompanha. Tento procurar isso para incorporar no trabalho”, diz Roberto.



Estúdio Theosophiatattoo tem se tornado um dos lugares mais procurados de Natal



Aghata e Beto, corpo e alma



Cores e técnica da aquarela são marcas de Beto

Sensibilidade e cores

O interesse de Roberto pela arte de desenhar começou ainda criança quando ele usava carvão para rabiscar as paredes da sua casa. Mais tarde começou a pintar telas, até o dia em que resolveu transferir a arte para a pele e comprou um kit de tatuador para fazer uma nele mesmo. “Era uma carpa, mas não deu muito certo e eu mesma tive que ajudar a fazer”, diz Aghata. A primeira *tattoo* toda feita por Roberto foi um dragão na pele de um primo, há quase dez anos. Funcionou e ele não parou mais. Só no estúdio são seis anos de trabalho. A ideia do casal era iniciar também um negócio de tatuagem com preços mais acessíveis. Aghata prefere não falar em valores, já que depende de vários fatores como tamanho e estilo. Mesmo trabalhando com diferentes traços, Roberto ficou bastante conhecido pela técnica aquarela - uma explosão de cores que parece ter saído das telas. O traço delicado e firme, as pinceladas de tinta e manchas suaves criam um efeito único e, muitas

vezes, dão a sensação de movimento.

A procura por esse tipo de tatuagem é alta no estúdio, mas outro dado que tem chamado a atenção do casal é o grande número de pessoas que vai ao estúdio para cobrir uma antiga tatuagem. “Não tem como ignorar a tatuagem antiga. A gente tem que reconstruir o desenho com base no primeiro. Eu prefiro que a pessoa me dê uma ideia de tatuagem, que pode ser algo a partir do zero. Em cima disso eu vou criando e reaproveitando as linhas para terminar o trabalho”, diz Roberto. Para quem está indeciso, mas tem vontade de fazer uma tatuagem, o profissional dá a dica: conheça bem o tatuador e procure não seguir tendência. “O importante é você olhar para o desenho e encontrar algo seu, muito particular e que mesmo que você mude aquela semente de origem ainda seja reconhecida. Tatuagem é um dos trabalhos mais antigos do mundo. Sofisticou-se, mas tem que ter algo muito especial envolvido”.

Uma tatuagem por uma vida melhor

Há alguns meses, o estúdio conta com o trabalho voltado a ajudar as mulheres que tiveram câncer de mama para que recuperem a autoestima por meio da tatuagem. Inspirado no projeto “Uma tatuagem por uma vida melhor”, do tatuador paulista Miro Dantas, o casal decidiu dedicar um domingo do mês para atender, de graça, essas mulheres. A técnica consiste em tatuar o desenho da auréola na mama para deixá-la o mais natural possível. As mulheres também têm direito a uma tatuagem - muitas pedem pra fazer em cima das cicatrizes. Para Roberto, o trabalho é mais do que especial porque o faz lembrar de uma irmã que morreu de câncer. “Uma coisa pesou muito. Com o passar dos anos, não lembrava da voz dela. E quando essas meninas foram chegando, conversar com elas me lembra muitas sensações que eu tinha quando eu conversava com a minha irmã. Então tem sido uma troca incrível”.





AnaLu Medeiros deixou os traços da arquitetura pelas artes na pele

Mulheres no mercado

Ser mulher em um mercado dominado por homens pode não ser uma tarefa tão fácil, mas a tatuadora AnaLu Medeiros, do INK Ana Studio, tem conseguido driblar qualquer problema do tipo. “Você sente que em alguns casos não é tão bem recebida por ser mulher. Gera desconforto. Gosto de participar de grupos de tatuadoras feministas na internet para discutir ou buscar orientações. Sei que as coisas estão mudando”, conta a profissional que também acredita que foi-se o tempo em que tatuagem de mulher tinha que estar associada a desenhos mais simples e “fofos”.

Formada em Arquitetura e Urbanismo, AnaLu trabalha também como ilustradora e quadrinista. Começou a tatuar em 2014, mas em

agosto do ano passado abandonou a carreira de arquiteta para se dedicar mais aos desenhos na pele. O estúdio é dentro da casa dela. Assim como Roberto, seu trabalho também é autoral e ela gosta de dizer que ele lembra mais uma pintura do que uma fotografia. “Fujo do tradicional e gosto de adaptar desenhos, muitos inspirados em quadrinhos. Também não gosto de reproduzir imagens. Acho legal esse aumento no número de tatuagens autorais na cidade”, diz. Sobre o mercado natalense, ela pontua: “Percebo que tem crescido tanto o número de pessoas que procuram o serviço quanto o de tatuadores, mas só se mantém no ramo quem realmente se dedica e sabe que isso não pode ser feito de qualquer jeito”.



Mercado aquecido

De acordo com dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), divulgados no ano passado, mostram que entre os anos de 2009 e 2012, as áreas dedicadas aos serviços de tatuagens e *piercings* aumentaram 413%. Desde 2004, o crescimento esteve próximo a 20% ao ano. Um boom confirmado por quem trabalha no ramo, inclusive em Natal.

Contudo, apesar de muitas ofertas, é importante ficar atento à qualificação dos profissionais. Hoje existem diferentes cursos, convenções e *workshops* para quem quer começar a tatuar ou aperfeiçoar o conhecimento e trabalhar com novas técnicas. Graduado em Desenho pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), o professor Gustavo Milani está há 15 anos no mercado e administra mais de 30 cursos em todo o Brasil. O mais completo, com três aulas teóricas e três aulas práticas, trata de temas como a fisiologia da pele, manuseio da máquina de tatuagem e técnicas do desenho que podem ser aplicadas nas *tattoos*.

“Saber desenhar é o principal pré-requisito. Quem não sabe, oriento a procurar outros cursos básicos de desenho. Nessa época de crise tem aparecido muita gente querendo entrar no mundo da tatuagem do zero com a ilusão de que vai ganhar dinheiro fácil. Não é bem



Professor Gustavo Milani, há 15 anos no mercado de tatuagens



Turmas reúnem homens e mulheres em busca do conhecimento sobre tatuagens

assim, tem que ter muito preparo e dedicação”, comenta. Ele conta que 90% dos tatuadores não procuram aprimorar o conhecimento e um dos principais desafios dessa área é mostrar para alguém que já trabalha com tatuagem que é possível mudar e aperfeiçoar técnicas.

“Isso também leva à valorização do profissional”, reforça Gustavo. O professor orienta que os interessados em fazer uma tatuagem devem pesquisar bem sobre o tatuador, os estilos que ele oferece e sempre olhar fotos de tatuagens já cicatrizadas para avaliar os resultados.

Experiências de tatuados

Ana Caroline Maciel, jornalista

“Sempre quis fazer uma tatuagem, porém precisava de algo com significado para carregar na pele. Em 2014 me vi no início de uma depressão e queria acreditar que passar pelo processo de tratamento iria me fazer mais forte. Certo dia, vi a frase “todo mal traz consigo algum bem” em um dos muitos textos que li sobre o tema e me identifiquei. Uma amiga me levou até Roberto Nascimento, que me orientou em relação ao lugar e tamanho da frase. Já na sessão para fazer a tatuagem escolhemos a fonte e pude contar um pouco a Beto o significado dela, o que fez toda diferença pra mim, que recebi tantas críticas quanto a frase. Além de tatuador, ele foi um confidente durante toda a sessão, que foi super tranquila, porém doída. Hoje em dia carrego ela como um lembrete de que os dias difíceis sempre nos tornam pessoas mais fortes”



Artur Correia, jornalista

“A tatuagem foi feita porque eu gosto muito do jogo Mario Kart, do Super Nintendo, e como joguei com meus primos durante a infância queria deixar marcado. Tentei fazer antes mesmo de AnaLu começar a tatuar, porém os outros tatuadores não toparam por dizer que os personagens pixelados não ficariam legais e ficariam borrados com o tempo. Também já me disseram que o preço iria ser muito alto, pois iriam contar como 8 tatuagens separadas, e não uma só. Quando AnaLu começou a tatuar, fiz a proposta dessa tatuagem e ela aceitou. Foi uma das primeiras tatuagens que ela fez e, até hoje, uma das que tem mais curtidas nos perfis dela. O resultado ficou excelente! Eu já conhecia os trabalhos dela e confiava na capacidade. Já recebi vários elogios pela tatuagem”



Priscilla Araújo, nutricionista

“Eu queria fazer algo que homenageasse a minha filha. Como ela gosta de aventura, conto de fadas e é bastante criativa, eu falei com AnaLu e agendei para a gente conversar melhor sobre a ideia. Sugeri mostrar uma menina que se perdesse na imaginação e levei a imagem de uma garota segurando

balões. Pedi que substituísse os balões por livros, que é como se a fantasia levasse minha filha para longe do mundo real. Como ela gosta de aventuras pedi que a menina segurasse também uma espada. Tudo fluiu muito rápido e AnaLu fez o desenho do jeito que eu queria. Fizemos alguns ajustes e o tudo ficou do jeito que eu queria”

EM PAZ NO CERRADO

Santuário ecológico com 33 cachoeiras e mais de 196 espécies de aves, Chapada Imperial é um presente da natureza no Distrito Federal

Por Camila Pimentel



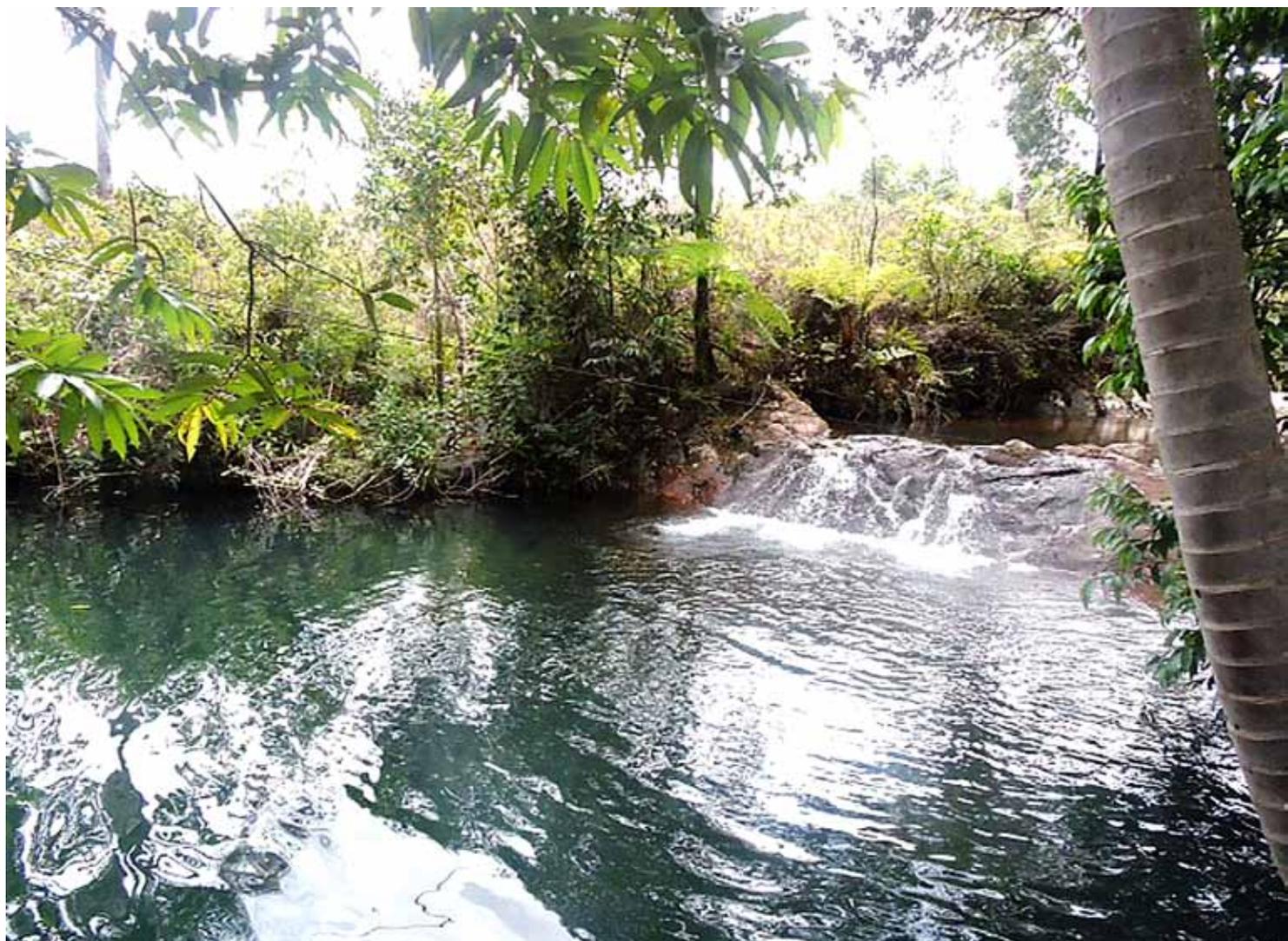


QUANDO VOCÊ OUVI O nome da capital brasileira, o que vem primeiro à mente? Cidade projetada por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa e que concentra o maior número de políticos brasileiros é uma das opções mais respondidas. No entanto, é preciso lembrar que Brasília foi construída no meio do cerrado, bioma brasileiro que tem árvores baixas, arbustos espaçosos e possui vários tipos de vegetação, com belas paisagens. A Chapada Imperial é um exemplo. Trata-se do santuário ecológico localizado no Distrito Federal, a 50km do Plano Piloto.

A Chapada Imperial concentra ao seu redor 33 cachoeiras e mais de 196 espécies de aves, entre tucanos, araras e papagaios. Existe há 18 anos, idealizada pelos irmãos Márcio, Marcelo e Marta Imperial, com o objetivo principal de ensinar aos seus visitantes a denominação da palavra sustentabilidade. Lá, eles desenvolvem um modelo sustentável de geração de energia com garrafas pet, por exemplo.



Santuário tem 33 cachoeiras



O local é bastante procurado por pessoas interessadas em ecoturismo

Ecoturismo

Márcio conta que ao surgiu a ideia de ecoturismo no Brasil, cerca de 20 anos atrás, os irmãos da família Imperial se interessaram em transformar a fazenda de propriedade familiar em algo para a sociedade aproveitar e vivenciar momentos de lazer com a natureza. Atualmente recebe mais de mil visitantes por

mês. São cinco mil hectares e é a maior área de preservação ambiental privada no Distrito Federal. Márcio Imperial é educador ambiental e dá aulas para os alunos e turistas que visitam o local.

Seguindo a linha de preservação da reserva ecológica e sustentabilidade, há na chapada a presença

de água mineral nas cachoeiras. Essa água gera a energia do local, com a construção de uma mini-hidrelétrica, onde a água da cachoeira gera energia e depois é devolvida ao bioma. Ainda na chapada, o turista encontra o ponto mais alto do DF: são 1340 metros de altitude, e a cachoeira mais alta do lugar tem 22 metros.

Educação ambiental

A Chapada Imperial também é educação e conhecimento. Desenvolve projeto pedagógico junto às instituições de ensino do Distrito Federal e recebe várias escolas durante o ano. “Aqui os alunos aprendem ao vivo tudo que foi falado em sala de aula sobre o cerrado”, explica Márcio Imperial. São 12 condutores que acompanham diversos grupos nas três trilhas da chapada. A mais longa é de 4,5km.

Para ter acesso e usufruir do bem-estar do santuário, o visitante paga 100 reais. Neste valor estão inclusos o acesso às trilhas, cachoeiras, almoço, tirolesa, parque infantil e passeios de pôneis. Quem quiser passar a noite, a chapada oferece quatro chalés e uma área de camping. Os projetos para o futuro são a construção de uma pista de mountain bike, uma vez que a prática do ciclismo vem crescendo não só no DF, mas em todo o Brasil.



Márcio, Marta e Marcelo Imperial



No local, além de cachoeiras, há trilhas, tirolesa, parque infantil e interação com animais

TAILÂNDIA

As belezas, sabores e excentricidades
desse país apimentado

Por Cícero Oliveira – De Bangkok



A vibrant tropical scene featuring a river on the left, a tree with bright red flowers in the foreground, and a green parrot perched on a branch. The background shows a sandy bank and dense green foliage.

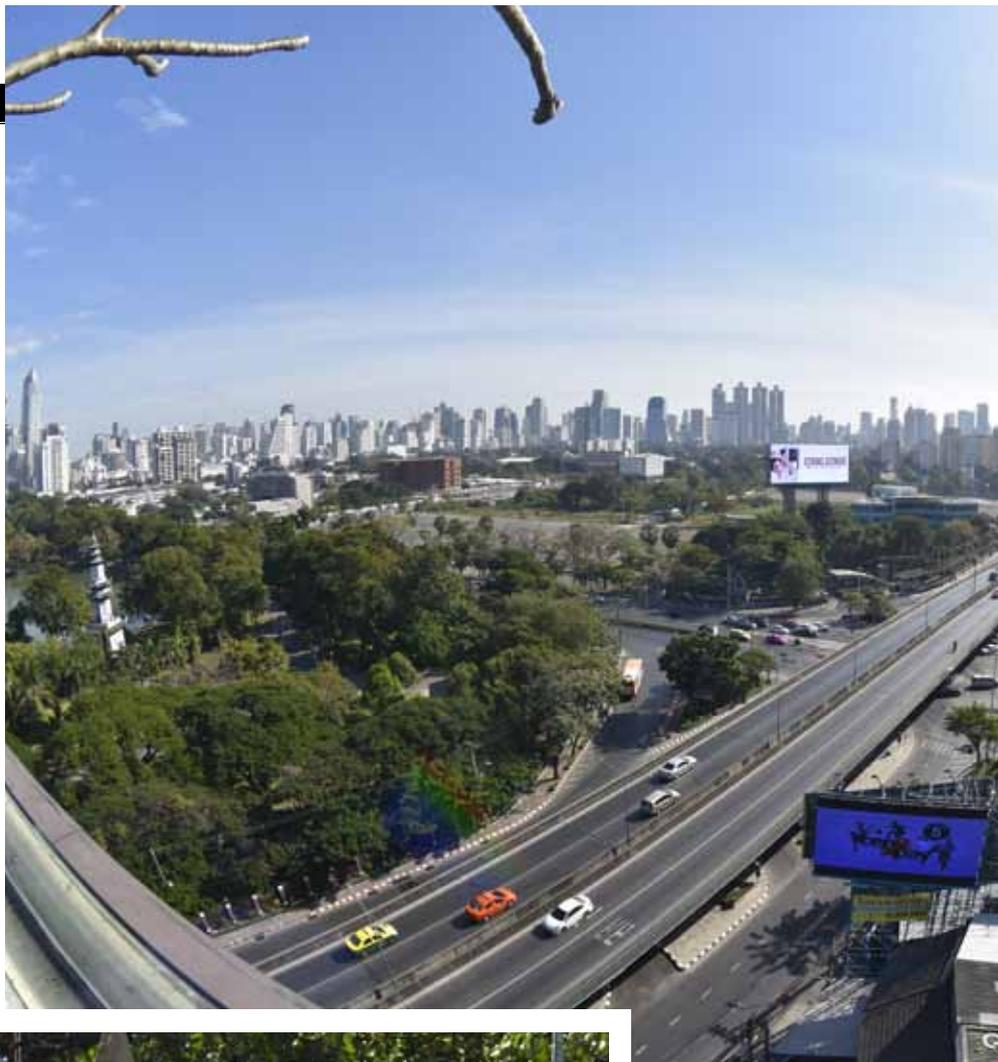
Passéio de elefante.
Atualmente os animais
são protegidos por uma
legislação rígida em
relação aos maus tratos

VISITAR A TAILÂNDIA É, literalmente, fazer uma viagem no tempo, como o país adota o calendário budista, o nosso 2017 é para eles o ano 2560, além disso, as 10 horas de diferença de fuso horário nos faz vítimas do Feitiço de Áquila em relação a quem fica no Brasil. Ou seja, nos deixa em total assincronia, enquanto é noite para um, o sol brilha para o outro, mas a lista de excentricidades que se apresenta para o viajante está apenas começando.

REPORTAGEM TURISMO

A Tailândia é um país com 68 milhões de habitantes, o equivalente a aproximadamente 34 por cento da população brasileira, mas que vive em um território que corresponde a apenas 6% do nosso, o que acarreta uma densidade demográfica bem superior à brasileira, sem contar os turistas que descobriram Bangkok aos milhões, e a imensa quantidade de trabalhadores de países vizinhos que vão em busca de emprego. Isso tudo junto é certeza de uma coisa: muita gente em todo lugar que você for.

Bangkok possui mais de 8 milhões de habitantes, seus táxis multicoloridos trazem alegria à cidade



A imagem de budas se multiplicam pelo país. Esses estão ricamente adornados



A sensação que se tem ao desembarcar no aeroporto de Suvarnabhumi, em Bangkok, é que estamos dentro de um enorme formigueiro. As filas são gigantescas, mas, tudo é rápido e organizado. Depois que entramos na van que nos levaria ao nosso hotel, rapidamente percebemos que os táxis da cidade são invariavelmente do fabricante Toyota, com maioria esmagadora para o modelo Corolla. Segundo o nosso guia, Thea Chunkag, “isso se deve aos preços diferenciados para estes modelos, que têm impostos reduzidos”. Porém, o mais interessante são as cores desses veículos, capazes de causar inveja a qualquer caneta de destacar texto. O rosa choque é o mais comum, mas o amarelo limão, o laranja, o vermelho, e o azul, to-

dos em tons berrantes, também se fazem presentes. O mais discreto de todos faz o estilo saia-e-blusa em uma brasileiríssima combinação de verde e amarelo.

É interessante saber que na maioria das vezes que optamos por esse tipo de transporte, o taxímetro era apenas mais um, entre os inúmeros adornos que alegravam os painéis dos carros, e, portanto, o que vale mesmo é a lei da oferta/procura, por isso esteja sempre pronto para pechinchar o preço da corrida. Facilmente consegue-se reduzir o valor à metade do que é inicialmente cobrado pelo motorista. Se você é usuário dos aplicativos de carona remunerada, saiba que lá também eles costumam ser bem eficientes e mais baratos que os serviços convencionais de táxis.



O budismo é a religião predominante. Os templos se espalham por todo o país

Desenvolvimento acelerado

A economia tailandesa é baseada na agricultura, na indústria de produtos eletrônicos e, obviamente, no turismo, e neste último item o povo Thai demonstra mais claramente como é determinado, transformando Bangkok na cidade mais visitada em todo mundo. Segundo a operadora de cartões de crédito Mastercard, foram 21,4 milhões de turistas que desembarcaram na cidade em 2016, e o sucesso da Tailândia como destino turístico certamente não se credita ao acaso, mas sim a um conjunto de fatores sabiamente explorados.

O país aparece como um destino relativamente barato. A moeda

local é o Bath, que tem cotação aproximada de R\$ 0,10. Uma boa refeição em um hotel de luxo não ultrapassa o equivalente a € 10,00, menos que se paga por um lanche razoável em qualquer aeroporto europeu. As pessoas são muito educadas e acolhedoras, e sabem como ninguém satisfazer os visitantes. Dominando não mais que meia dúzia de palavras em tailandês e um inglesinho bem básico, eu me sentia conversando com minha mãe: todos os meus desejos eram imediatamente atendidos. As belezas naturais estão presentes em profusão na Tailândia, se houver tempo disponível na viagem, vale a pena esticar o roteiro para fora da

capital, principalmente para alguma ilha no sul do país.

Para a turista brasileira Sue-my Kitayama, “a ilha de Phi Phi, com suas belas praias, é sem dúvida a melhor e mais animada, mas que também proporciona sossego para quem quer”. A infraestrutura turística é muito boa, a rede hoteleira e as autoestradas merecem destaque, e são de fazer inveja a absolutamente todos os destinos turísticos brasileiros. Por último, conforme assegura a turista brasileira Adriana Marinho, “o mais importante motivo do sucesso do turismo na Tailândia é a cultura Thai, que merece um grifo com marca-texto reluzente”.



Bangkok oferece excelente estrutura turística com hospedagem acessível a todos os bolsos



Na Tailândia, o rei é uma figura apartidária e sua autoridade é superior à política

Origem controversa e riqueza cultural exuberante

Os historiadores não têm um consenso sobre a gênese do povo Thai. O país nunca foi colônia de nenhuma outra nação, e a versão mais aceita é a de que

o seu povo se formou a partir da união de migrantes do sul da China com povos locais primitivos. O país possui um rei, mas não se considera um regime monárquico.

Ao mesmo em tempo se declaram uma democracia, têm uma gestão administrativa exercida por um governo militar que assumiu o poder através de golpe de estado.



A Khao San Road é uma festa durante a noite e os turistas lotam a rua

Outra coisa que merece um meme com carinho de confuso é que na Tailândia as pessoas são budistas em sua esmagadora maioria, condenam a bebida alcoólica e parecem ser extremamente acanhadas emocionalmente, a ponto de pais e filhos nem se permitirem abraçar. Mas, apesar disso tudo, são comuns no país as ruas totalmente destinadas às celebrações bacantes, para

não dizer que é uma esbórnica total. As casas de pingue-pongue show, entenda-se pomparismo em nível mega extreme hard, fazem a alegria dos turistas. A diversidade na oferta de álcool é de fazer inveja ao nosso Carnaval. Bebe-se absolutamente de tudo. Para conhecer um pouquinho disso, vale a pena visitar a Khao San Road, a Rambuttri Road ou a região da Si Lom Road.



Para quem busca mais que uma boa balada, a Tailândia ainda tem muito a oferecer. O budismo, além do forte legado religioso, também imprimiu sua marca na cultura local. Os templos estão presentes em todo lugar, com sua arquitetura de traços muito próprios. Outra instituição nacional, com direito

até a graduação em curso universitário, é a Massagem Tailandesa. As casas de massagem são tão onipresentes quanto os templos budistas, e os preços variam conforme o tempo e o tipo escolhido. É necessário apenas R\$ 10,00 para se fazer uma relaxante sessão de foot massage, por 30 minutos, mas o cliente pode op-

tar até por um dia inteiro de spa, que chega facilmente ao valor de R\$ 400,00 nos lugares mais sofisticados. As salas de massagens são locais coletivos, porém, para os mais ousados, existe sempre a opção de escolher um ambiente individual e ir muito além dos simples tapinhas, 'amassões' e alongamentos.



A massagem tailandesa é uma instituição nacional e existe até curso universitário para massagista



Churrasco de lagosta na Rambuttri Road



Os frutos do mar estão sempre presentes nos cardápios, já a carne bovina é pouco comum

Fazendo inveja à Bahia

O arroz é a base alimentar do povo tailandês, mas nos cardápio direcionados ao turista, os frutos do mar, a carne de porco e de frango também se fazem presentes. Se você é do tipo cauteloso com a comida, fique atento à pimenta. Nos dias que passei em Bangkok, percebi que até em algumas sobremesas fazem uso desse condimento, mas não deixe de provar uma boa lagosta na brasa acompanhada de uma cerveja Chang bem gelada na Rambuttri Road.

Ao final de tudo, não esqueça de visitar o mercado Chatuchak,

com suas mais de 15 mil lojas; o mercado flutuante no distrito de Damnoen Saduak, e a imperdível feira do trem em Maeklong, para comprar os souvenirs de quem ficou no Brasil lhe esperando. Se o limite do cartão de crédito ainda estiver com sobra, não deixe de conhecer o complexo comercial Siam Paragom.

Bom, vou encerrando esse texto por aqui, e torço para que você tenha gostado, afinal de contas, as editoras da BZZZ prometeram me mandar à Suíça para preparar a matéria do próximo mês!



Mercado flutuante de Damnoen Saduak é visita obrigatória para o turista



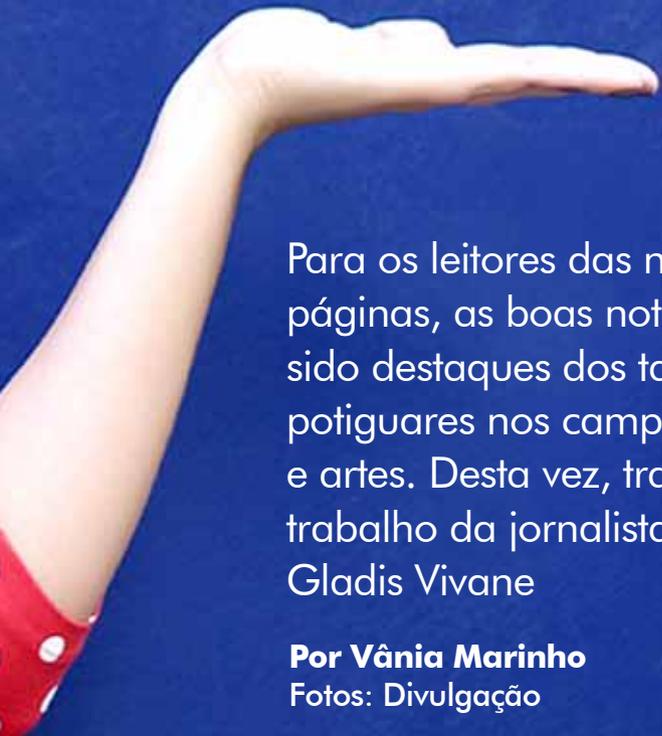
O mercado do trem vive em constante arrumação, de acordo com a passagem dos vagões



O Buda, na Tailândia, é representado de forma diferente da China, bem mais magro e em diversas posições



Criativa e ousada



Para os leitores das nossas páginas, as boas notícias têm sido destaques dos talentos potiguares nos campos da moda e artes. Desta vez, trazemos o trabalho da jornalista versátil Gladis Vivane

Por Vânia Marinho
Fotos: Divulgação

EM UMA CONVERSA COM Gladis, criadora do blog Salto Agulha, descobrimos uma alma inquieta. O seu trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) foi uma revista inteira sobre moda, diferente do que se produzia até então.

A publicação teve um olhar mais artístico e cultural, e menos comercial. Com esse material em mãos, a jornalista foi buscar o apoio de leis de incentivo à cultura e, assim, conseguiu editar e transformá-la em uma publicação para ser distribuída em Natal, capital do Rio Grande do Norte.



MODA

A melhor matéria-prima

Apesar de como jornalista ter trabalhado em vários veículos cobrindo os mais diversos assuntos, a moda sempre marcou presença. Para respirar um pouco e dar espaço ao fazer preferido, resolveu criar o blog Salto Agulha (bem antes do *boom* dos blogs de moda). “A moda sempre esteve presente na minha vida. Eu gostava muito de escrever sobre história da moda, pesquisar, descobrir curiosidades sobre figurinos de cinema. Não tinha muito espaço para isso nas redações onde eu trabalhava, então decidi criar um blog. Foi lá que publiquei meus primeiros textos. Virou meu cartão de visitas para depois escrever para várias revistas e publicações relacionadas ao tema”, conta.





Salto Agulha

Um blog diferente

Sobre o diferencial do Salto Agulha em relação a outros blogs, Gladis Vivane acha que ele foi criado muito despreziosamente, numa época em que se escrevia nesses meios por diversão e para se ter uma alternativa à mídia tradicional – que muitas vezes publicava matérias distantes da nossa realidade e com pautas absolutamente iguais. Assim, ele surgiu como um lugar para escrever sobre as coisas que gostava e não tinha espaço nas redações onde trabalhou, relembra a jornalista, que já cobriu esportes, polícia, cidades etc. Com o tempo e o *boom* dos blogs de moda, esses veículos passaram a se pautar exatamente

como a grande mídia e perderam aquele ar de diferente, de novidade. Hoje as blogueiras usam tudo que a gente sempre viu na Vogue e falam das mesmas marcas de sempre. Parece que esses meios virtuais perderam a força *underground* que tinham no começo. Gladis complementa: “No meu caso, como o blog nunca foi meu ganha pão e eu sempre mantive outros trabalhos, consegui seguir fiel à minha linha editorial de sempre. Hoje eu vejo um retorno do leitor aos blogs mais autorais e criativos. Tudo é cíclico, então, acho que novamente estamos buscando conteúdo mais criativo e fugir do *mainstream*”.

DESTEMIDA

De Natal para São Paulo

Atualmente, Gladis vive um novo momento em São Paulo (SP). Ela tem uma *house* de produção de conteúdo em sociedade com o designer Carlos Magno Ferreira Pinto, que também é seu namorado. O trabalho consiste, de maneira simplificada, em produção de conteúdo criativo para empresas, principalmente das áreas de moda e *lifestyle*, proporcionando uma curadoria diferenciada.

A sua mais nova invenção está completamente ligada ao universo da moda. Decidida a pintar e bordar, Gladis agora tenta realizar um sonho que acalentava: construir roupas. Depois de fazer um curso de corte e costura, viu que se-

ria possível se expressar não só pela palavra, mas também pela elaboração e execução de roupas. Hoje se considera aprendiz de costureira e já começa a criar peças que estão causando “frisson” entre as amigas.

A criativa potiguar, que está muito feliz com o projeto, comenta que gosta especialmente de roupas com inspiração nos anos 1950: cintura marcada, saias rodadas, midi. Como tem predileção pelo estilo, começou a fazer a própria roupa. Daí começaram os pedidos e, com eles, a ideia de profissionalizar o negócio. Em breve, os *looks* estarão disponíveis em uma loja *online* vinculada ao blog, revela.



Sucesso

Produto potiguar, o Dermacoconut Spray by Ivete Sangalo está cada vez mais presente nas grandes revistas nacionais de moda, saúde e beleza, de forma espontânea, pelo seu alto padrão. Esteve presente na edição de dezembro de Caras Especial Beleza e na Cosmopolitan. Já no mês de outubro, nas páginas das revistas Manequim e Boa Forma. Também é sempre citado em centena de blogs de todo o país. Ótima dica para o verão!



TEMPO DE APROVEITAR

O mês de janeiro é de boas promoções. Além das lojas de rua, o Natal Shopping está fazendo a sua liquidação anual. Gregory, Animale e Farm anunciam boas pedidas.



PISCINA E MAR

Verão... época de piscinas, viagens e praia. O que não podemos esquecer, mesmo nesses dias de descanso, são algumas regrinhas básicas de etiqueta e a política da boa vizinhança. A praia, por exemplo, nem sempre é um lugar de sossego e temos que saber compartilhar o espaço com todos. É fundamental o respeito e boa educação com o próximo. Respeite os limites para o guarda-sol e as cadeiras.



Cinema e moda

O filme La La Land, de Damien Chazelle, mesmo diretor de Whiplash, tem o figurino mais comentado do momento. Com Emma Stone e Ryan Gosling fazendo par romântico pela terceira vez no cinema, o musical tem abocanhado prêmios e indicações em diversas premiações. É favorito ao Oscar. Um dos pontos mais comentados é seu visual com referências da Era de Ouro de Hollywood e ao período Technicolor, com cores saturadas usadas em filmes como "O Mágico de Oz" e "O Vento Levou", além de clássicos dos anos 40 aos 60. Parte do sucesso dessa alquimia cromática deve-se também ao figurino criado por Mary Zophres, que também vestiu Ryan e Emma em "Gangster Squad" e está por trás dos figurinos de "No Country for Old Men", "Interstellar" e "O Brother, Where Art Thou?".

NINGUÉM MERECE OUVIR NOTÍCIA CHATA NA VOLTA PARA CASA.

Mude de companhia no começo da noite.

Esqueça o trânsito parado
e os problemas do dia-a-dia
sem deixar de saber o que é notícia.

Você tem o direito.

Ninguém precisa ser chato
para lhe contar o que está
acontecendo.



ELIANA LIMA



CIRO PEDROZA

BATE PAPO NA CIDADE

Segunda a sexta

18h

Notícia com inteligência, interatividade, bom humor e sem chatice.



Participe: **9 8181 9720**  [#batepaponacidade](https://www.instagram.com/batepaponacidade)



Wellington Fernandes

Arquiteto

Email: wfarquitetura@yahoo.com.br



ARQUITETURA INCLUSIVA

Cresce o número de projetos de inovações que respeitem as regras de acessibilidade, mas ainda falta muito para o ideal



SOMOS DE UMA GERAÇÃO que sempre deu a devida atenção às pessoas com deficiência. Mesmo sem intenção por parte de muitos, muitas vezes elas acabaram sendo discriminadas ou silenciadas, bem como todos os seus potenciais e vontades. Lembro bem de amigos dos meus pais terem uma pessoa em casa que não ouvia e nem falava e todos o tratavam como “o mudo”. Era como se ele não tivesse nome. O tempo trouxe amadurecimento e pesquisas desenvolvidas comprovaram que essas pessoas têm capacidade e merecem, como todas, serem respeitadas.

Estudei arquitetura em uma faculdade pública, na qual durante todo o meu curso não se falava em acessibilidade e arquitetura inclusiva. Era considerado suficiente que o projeto tivesse apenas o banheiro adaptado. Hoje é lei e tem que ser respeitada, embora tenhamos resistência constante das pessoas que contratam um profissional para elaborar o projeto. Muitos acreditam que não é necessário, ou simplesmente falam: “Mas aqui nunca veio um cadeirante!”. Esquecem que a acessibilidade é bem mais que atender ao cadeirante, ela é universal, oferece conforto ao recém-nascido, à grávida, ao idoso, às crianças e, principalmente, aos cadeirantes.

Devemos considerar projetar levando em conta a acessibilidade como fator essencial para uma mobilidade urbana completa e segura. Atualmente, o poder público tem cobrado bastante dos proprietários de empresas, lojas, imóveis etc que respeitem a legislação vigente, mas precisamos que o espaço urbano também ofereça acessibilidade a todos os transeuntes.



Escadaria em Areia Preta/Mãe Luiza, na capital potiguar



Alguns empreendimentos vão além do que a Lei obriga e oferecem serviços especialmente pensados para o bem-estar dos clientes com problemas de mobilidade, como disponibilização de cadeiras de rodas e balcões de informação adaptados, garantindo que possam ir e vir sem constrangimentos ou desconforto. Esse tipo de preocupação também abrange produtos, desde maçanetas de portas até automóveis, além dos meios de comunicação (como jornais e revistas publicados em braille e canais de televisão que empregam a linguagem de sinais ou a legenda escrita na transmissão de sua programação). A escrita especial para cegos é adotada por muitos estabelecimentos,

como restaurantes, hotéis e similares.

Os órgãos públicos estão a cada dia se adaptando às regras de acessibilidade, mesmo aqueles em prédios antigos, mas ainda falta muito. Basta fazer algumas visitas para se constatar irregularidades. Temos um grande número de pessoas que se dizem “conscientes” e que estacionam em vagas reservadas ou não querem em seus estabelecimentos instalar o mínimo necessário de equipamentos. Há também aqueles que vêm de países desenvolvidos, como Alemanha e Estados Unidos, locais onde se cumprem rigorosamente as leis de acessibilidade, mas quando chegam aqui se propõem a construir

empreendimentos sem tais requisitos, na certeza da conhecida impunidade brasileira.

Temos escritórios de arquitetura que se especializaram diretamente no assunto arquitetura inclusiva. É uma área que, com muita criatividade, desenvolve projetos em todos os setores para tornar a vida das pessoas com deficiência mais simples e independentes. Os projetos vão desde uma simples calçada e banheiros acessíveis a grandes elaborações que exigem uma atenção maior e que envolvem todos os itens necessários, como identificação em braille, piso tátil nas circulações, circulação vertical, entre outros.



O turismo é para todos. As praias, lagoas e rios, também. Em cidades litorâneas, é inadmissível que cadeirantes não tenham acesso a esses locais. Existem lugares em que o cadeirante é levado até a água com passarelas e uma cadeira especial. É claro que isso não é possível em todas as praias, até porque muitas na maré alta não têm faixa de areia, mas existem muitos locais para se implantar esses acessos e proporcionar um simples banho de mar.

Temos hoje uma infinidade de equipamentos para tornar acessível qualquer tipo de ambiente, como explica Danielle Sá, arquiteta, urbanista e mestre em acessibilidade pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Ela desenvolve trabalhos exclusivos na área.

A profissional reforça a importância de promover a inclusão social de pessoas com deficiência, e, para tanto, produzir um espaço que seja capaz de acolher a todos. Nos banheiros, as dimensões são bem claras. O tamanho mínimo exigido permite um uso adequado do cadeirante com um mínimo de conforto.



Danielle Sá, arquiteta, urbanista e mestre em acessibilidade

As calçadas estão, aos poucos, se tornando espaços mais facilitados. Ainda falta muito, mas o que já tem serve como bom exemplo para os demais. Todo e qualquer evento provisório é exigido a possibilidade de acesso de todos. Em Natal, no Rio Grande do Norte, os hotéis estão cada dia mais preparados e a cidade caminha para um dia a dia mais inclusivo. Imaginem um cadeirante tentando se deslocar nas ruas sob um sol escaldante, sem árvores para se proteger e sem acessibilidade!? Não pode mais ser possível.



CORTE DE CONTAS

Fotos: Paulo Lima/Brasília

Em prestigiada solenidade, os ministros Raimundo Careiro e José Múcio Monteiro tomaram posse nos cargos de presidente e vice-presidente do Tribunal de Contas da União (TCU), respectivamente, para mandato de um ano.



Mesa de honra: governador Rodrigo Rollemberg (DF), senador Renan Calheiros, presidente Michel Temer



Cláudio Lamachia (presidente do Conselho Federal da OAB) Juliano Costa Couto (presidente da OAB-DF)



Senador Garibaldi Filho, ministros José Múcio Monteiro e Raimundo Carreiro



José Carlos Netto, Adelmir Santana



Deputado Felipe Maia



Senador Dário Berger



Senadores Lúcia Vânia e Garibaldi Filho



Senador Armando Monteiro



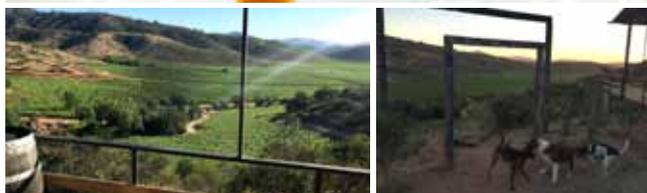
Deputado Mauro Benevides



Alberto Alves (secretário Executivo do Ministério do Turismo)

OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com



UM LUGAR CHAMADO CASABLANCA

Peço licença a Drummond para dizer que no meio do nosso caminho não tinha uma pedra e sim uma vinícola. Aliás, uma não, várias. Entre as cidades de Santiago e Viña del Mar, presença certa nos roteiros de quem vai ao Chile, está o Vale de Casablanca. O lugar com o qual a natureza foi bastante generosa passou a ser explorado nos anos 1980 e é morada de variedades de uvas brancas que se destacam no chamado Novo Mundo.

Patricio Tapia, enólogo chileno, escreveu uma vez: "As grandes estrelas de Casablanca sofrem influência do frio do Oceano Pacífico, que molda a sua acidez e imprime notas cítricas em seus vinhos". O trecho se refere a rótulos Chardonnay e Sauvignon Blanc feitos na região, onde as conhecidas Emiliania, Veramonte e Quintay se fixaram e as mais discretas Casas del Bosque e Bodegas RE também fizeram de lá seu endereço.

Concluimos então que uma breve parada seria injusta e trocamos as cidades pelo campo. O argumento final foi dado pela Casavino, localizada em uma das fazendas da vinícola Casablanca. Chales no topo de uma colina com vista panorâmica

para os vinhedos. Do tipo completo, com churrasqueira e outros mais. Onde se esquece do mundo e só há tempo para curtir o visual e as estrelas. As descritas por Tapia e as em sentido real, à noite, quando o céu brilha mais que as cidades justamente por estar longe delas.

Da propriedade, pode-se visitar todas as vinícolas da região, com variadas possibilidades de degustação. Por isso, é bom estar motorizado e que haja rodízio no volante. Embora bem mais flexíveis que as nossas, as leis sobre álcool e direção do Chile também implicam em muitas severas. Em algumas vinhas, há a oferta de almoço. É o caso da Casas del Bosque, com o Restaurante Tanino e suas mesas ladeadas por parreiras.

De volta ao chalé, pode-se cozinhar e passear, de bicicleta ou a cavalo. No mais, são programações inventadas ou simplesmente contemplação. Tudo acompanhado de vinho, cujas uvas foram cultivadas ali em frente. E aí concordar, sem ressalvas, com Drummond: "Nunca me esquecerei desse acontecimento". Um lugar que pede estada e não parada, mas que também exige regresso. Mesmo que em pensamento.

NOITE DE LUXO

Fotos: João Neto

O partidón-festeiro Herculano Jr. pilotou mais uma concorrida White Party, na Arena Ecomax, em Pirangi, litoral sul potiguar, com ambientação temática "Summer Dream" assinada pelo top Luciano Almeida. Noite regada a open bar com Chivas 12, Absolut, espumante Mumm, gin Beefeater, Aperol Spritz, cerveja Premium, energético, sucos, água de coco e refrigerantes, ao som do trio Make U Sweat - Dudu Linhares, Guga Guizelini e Pedro Almeida, mais o cantor Jonas Esticado, Felipe e Gabriel e Mandaca.



Cláudia e Paulo Gallindo



Gabriela Azevedo e João Victor



DJ Fam Mattos



Isabele Ramalho e Augusto Azevedo



Todo partidón dono da festa:
Herculano Azevedo Jr.



Naty Bandeira e Augusto Benfica



Parada de sucesso



Karla Veruska e Raniere Barbosa



Carol Bezerra e Henrique Abreu



Luciano Almeida e os pais cheios de orgulho: Bêta e Marino Eugênio



Dani Motta e Paula Diniz



Sergio Fernandes-Coxinha



Onofre Neto, Rayana França, Jarbas Bezerra



Chiquinho Lourenço e Adélia Bulhões



Rogério Santiago, Renata Macedo, Milena Marques, Yuri Barros

FESTA NO PARAÍSO

Fotos: Aurino Neto

Depois do badalado réveillon com grifo paulista, O Espaço Mix, em São Miguel do Gostoso, foi palco da Festa da Nêga, pilotada por Yane Mattos, ao som do rock Uskaravelhos e do DJ Maurício. Noite regada a borbulhas Casa Valduga, com a marca Adega São Cristóvão.



O charme que ficou do réveillon no Espaço Mix



Mariana, Taí, Aline, Agaiha, Taís



João Couto, Flávio Carneiro e Gustavo



Todo bambambá da Adega São Cristóvão, Alexandre Santana e Talia



O suíço Yán e Naldinho



Felipe e Rúbica



Robertinha e Leonardo



Bruno Santana, Júlia Galvão



Ana Carla e Carlos Campos



Donos do Espaço Mix, Sebá Campos e Júlia com Emanuel Neri (Pousada Ponteiros) e Alexandre Santana



Yane recebe Eloá, Leonardo, Crisy e Dayane



Fabi Simon e Filip



sdfgsdfgsd



DJ Maurício



Dona da festa, Yane Mattos com Gonçalo Vaz e filha Maria Flor



Luciana e Marcos Antônio Pastore, Michely e Breno Tinoco com o herdeiro Miguel, Eliana Lima, Karen Paiva



Yane e a trupe Uskaravelhos

TÚNEL DO TEMPO

Por Thiago Cavalcanti

Fotos: João Neto

NOITE MEMORÁVEL

Com borbulhas de Veuve Clicquot até o amanhecer, a Praia de Jacumã foi palco do festão que celebrou os 70 anos do lorde Ezequiel Ferreira de Souza, em 14 de janeiro de 2007. Chamada de República de Jacumã, a praia concentra famílias tradicionais do Rio Grande do Norte, que marcaram presença na noite nababesca. Amigos de várias gerações foram abraçar o aniversariante, ao som de bandas e DJ.



O dono da noite com a esposa Letícia e os filhos Melina, Ezequiel, Milena



Ezequiel Ferreira de Souza, Cinthia Delphino, Maria Lúcia Simas, Leonardo Patriota



Diógenes Cunha e Gislane



Zandra e Yuri Afonso



Arnaldo Caspar e Denise são recebidos pelo anfitrião



Ricardo Faria e Mônica



Os irmãos Zélia e Getúlio Madruga



Cláudio Porpino, Zé Dias e Diúda Alves, Rose Canfídio



Juja Ferreira de Souza e Patrícia, Káká e Marquão Araújo



Dagraça e Augusto Viveiros



**Adriana Dias,
Tatiana Bulhões**



Clarissa e Heleno Sá



**Joanita Potiguar, Hilneth Correia,
Franca Giordanetti, Aécio Emerenciano**



**Laércio Bezerra, Elias Fernandes,
Ezequiel Ferreira de Souza, Marcos Sá**



Ruy Gaspar, Eduardo Rocha, Wellington Paim



**Angela Pinheiro, Cláudia Gallindo,
Tinesa Emerenciano**



**Arimar França e Juraçá,
Ezequiel F. Souza**



**Cinthia Maia, Wilma Faria,
Marcia Maia, Leíciá Galvão**



Eliana Lima, Daniele Fonseca



Os primos Iberê e Ezequiel Ferreira de Souza



**Luiz Alberto Ferreira de Souza e Fátima, Carlos Eugênio,
Celuta Ferreira de Souza, Washington Gadelha e Teresa**



Militão Chaves e Simone, Janine Galvão, Israel Monte e Luanda



Hélio e Ivanilde Quairóz

FELIZ 2017

Fotos Paulo Lima/Brasília

Com o tema celebration, o Minas Hall foi palco de chiques e famosos na capital brasileira para festejar a chegada do ano novo, ao som das bandas Terminal Zero, Brasil Capital Samba Show e as picapes da DJ Rapha Andrade, com direito a 10 minutos de queima de fogos. Ao sol raiar, café da manhã.



Sabrina e Igor Araújo



Fábio Santos e Gínia Vicente



Elaine Martins e Flávio Barbosa



Janaína Fagundes e Rildo Mendes



Bianca Barbieri e Lu Alves



Débora e Larissa Lucena



Cidália Varela e Priscila Sabino



Adilson e Elizabet Campos



Carla Maneta e Renato Jamenes



EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA EM PERSPECTIVA

A análise dos dados da educação universitária no Brasil evidencia um avanço singular, talvez sem precedentes, nas políticas educacionais para os brasileiros. Foram elaboradas e executadas ações importantes de democratização do acesso, de inclusão e de apoio à permanência dos estudantes, que resultaram num forte processo de expansão. Segundo o Censo da Educação Superior de 2015, a matrícula no período de 2005 a 2015 cresceu 73,6% e chegou a mais de oito milhões de alunos matriculados. Do percentual, 75,7% ocorreram no setor privado e 24,3% no setor público. Neste último, o maior crescimento se deu nas universidades federais.

Na Expansão Fase 1 e no Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), foram criadas 18 universidades e 173 *campi*, principalmente nos municípios do interior do País. O número de cursos de graduação presencial mais que dobrou, chegando a 4.867 em 2014. As matrículas nos cursos a distância saltaram de 11.964 para 83.605 de 2002 a 2014, enquanto na pós-graduação houve um salto de 48.925 para 203.717 matrículas no mesmo período.

Para esta década de expansão acontecer, foi necessário um forte investimento que se refletiu nos orçamentos anuais aprovados pelo Congresso Nacional. Olhando para o futuro, já em 2017, as IFES deveriam ter um orçamento corrigido pela inflação do ano anterior e ter mais 2,5% do crescimento das matrículas, necessários para a consolidação de vários *campi* ou cursos novos.

Além disso, o Ministério da Educação (MEC) deveria planejar com todo o sistema de educação superior uma nova fase de expansão, buscando alcançar 33% dos jovens de 18 a 24 anos matriculados na educação superior até 2024, conforme a meta do Plano Nacional de Educação (PNE) em vigência. Isso se faz necessário e urgente, porque mesmo com as políticas de expansão e os investimentos dos últimos anos, essa média nacional foi elevada de 14% para apenas 17%, o que representa um indicador bastante negativo em relação a outros países.

Entretanto, o orçamento sofre um corte de 6,74% do custeio das instituições federais de ensino superior (IFES), o que exigirá um planejamento arrojado para manter as atividades acadêmicas com qualidade. Certamente, a crise econômica e a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 55/2016 trarão consequências drásticas ao direito constitucional da educação para todos.

Nossa perspectiva, enquanto reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e dirigente da Associação Nacional dos Dirigentes das IFES (Andifes), é de manter intenso diálogo com os poderes Executivo e Legislativo para obter a melhoria do orçamento das universidades federais, onde se encontram hoje mais de 90% de doutores e mestres disponíveis para ajudar no desenvolvimento econômico e social do Brasil. Trabalharemos para demonstrar que investir em educação, na ciência, na tecnologia e na inovação é uma das formas eficientes e eficazes para a saída da crise, como vem ocorrendo em alguns países que assim o fizeram, entre eles a China.



www.colmeiachales.com.br
(84) 99962-3991 / 99962-3992
(84) 3230-2256 / 3642-2537



Salão de jogos e TV



Chalés com um e dois quartos



Essa equipe está pronta para lhe servir: Neto, Luciana, Mary, João Paulo. O dócil Toch circula na madrugada

Paraíso no paraíso

Na paradisíaca Praia de Camurupim, a 28 km de Natal, conhecida pelas piscinas naturais na maré baixa, fica o Colmeia Chalés, espaço perfeito para relaxar e se divertir, seja entre amigos, família ou lua-de-mel.

Conta com chalés de um e dois quartos, além do loft romântico, com banheira de cromoterapia, de frente para o mar. Todos equipados com cozinha e utensílios. Opção de café no chalé. Temos também cardápio de petiscos e almoço.

Na área de lazer: piscina, churrasqueiras, pranchas de sup, redário, playground, salão de jogos, lago artificial com peixes; pássaros, como cacatuas e calopsitas, preás etc.

Estacionamento privativo coberto.
A água é totalmente filtrada.



Loft romântico



Loft romântico



Loft romântico



Da varanda



Conforto dos chalés, com ar condicionado split



Lago Artificial



SE VOCÊ ACHA
QUE BELEZA
É TUDO,
ESPERE ATÉ
VER O RESTO.

NOVO Kia Cerato 2017

Modernidade, esportividade, sofisticação e o melhor valor da categoria.

Kia Sportage 2017

Design, potência, tecnologia e o melhor acabamento da categoria.



The Power to Surprise

NATAL - AV. PRUD. DE MORAIS, 4666 - TEL.: (84) 4009.9000

MOSSORÓ - AV. PRES. DUTRA, 2002 - TEL.: (84) 3312.0300

JOÃO PESSOA - ESTRADA DE CABEVELO, 1102 - TEL.: (83) 3219.5200



RESPEITE OS LIMITES DE VELOCIDADE.

